

Revolução

VOTA OTELO



**S. PEDRO DA COVA, COIMBRA,
NAZARÉ, MADEIRA, BARREIRO**

**Os mesmos
trabalhadores
a mesma luta
e todos votam Otelo**



**Grande parte das bases do PS
não apoiam Eanes** (As últimas na pág.16)

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

dos leitores

Porto-Voz do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



Revolução

Vergonha, onde te encontras?

Os dias desfilam e, alguns, fiéis à sua imagem e à sua prática, prosseguem obstinadamente numa rota semeada de calúnias, manipulações e, como sempre, de divisão.

As calúnias são abjectas, as manipulações — grotescas — a divisão — profundamente criminoso na hora em que vivemos.

Raiosamente, tentam ocultar o seu isolamento actual, em vez de se atacarem à burguesia, atacam um homem, ata-

cam um povo — que se une, que avança que não abdica.

Primeiro, foi o 25 de Novembro. Otelo era um «traidor»... Depois a célebre carta do herói do 25 de Abril a Vasco Gonçalves — distribuída aos milhares, nos bairros, nas fábricas, nas aldeias, nas cooperativas. Em seguida — uma vez desmistificada a manobra pelos esclarecimentos do candidato do povo trabalhador — veio o tema «das forças que o apoiam»...

Em seguida, o que virá?...

Quando será que esses pretensos «defensores do povo» compreenderão que a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho não é a candidatura de um homem nem das «forças que o apoiam», mas sim a candidatura do povo trabalhador, das suas lutas, da sua unidade?

Quando será que os adeptos — pouco convincentes! — da «maioria de esquerda» e da «unidade», abandonarão es-

sa política que os caracterizou ou seja, de viés e de traição ao movimento popular?

Quando será que o oportunismo compreenderá que a deserção efectuada actualmente nas suas fileiras não acontece por acaso?...

Atacam Otelo, nomearam Eanes, esquecem Azevedo, enaltecem Pato. Conciliam com a burguesia, expulsam militantes revolucionários do seu seio, manipulam nos jornais, semeiam calúnias e tentam destruir

tudo o que escapa ao seu controlo.

O inimigo — a direita e o imperialismo — aproveitando-se desta inesperada (talvez não...) ajuda, aproveita para avançar e... agradece.

Entretanto, o partido de Cunhal e de Pato, esquece os seus militantes de base — gente honesta e profundamente empenhada no avanço do processo revolucionário — esquece a Revolução e continua a autotitular-se o «Partido da Unidade», «o Partido dos trabalhadores»...

vergonha, onde te encontras?...

M. A.

emigrantes portugueses em Filadélfia

“Votai Otelo” e venceremos a reacção”

Camaradas:

Ao termos conhecimento da candidatura do major Otelo, não queremos deixar de manifestar a nossa alegria e o nosso apoio à mesma. Apelamos à classe operária, aos camponeses e a todos os trabalhadores em geral, para que não se deixem dividir. Se todos nos unirmos em torno do camarada Otelo, a reacção será esmagada, e teremos defendida a constituição da República, o avanço da Reforma Agrária, o controlo operário, o poder popular, a independência nacional rumando à democracia popular.

Nós, emigrantes sentimos no dia a dia a exploração capitalista que nos locais de trabalho existe. A democracia dos americanos passa por todo aquele empregado que lutar por melhores condições de trabalho, que defenda o contrato co-

lectivo de trabalho ou que fale contra o patrão, é imediatamente despedido. O crime, a violência, a droga e a corrupção existe em todos os dias e em grandes proporções. Mas a liberdade e a democracia dos americanos passa ainda pela ingerência nos assuntos internos e na vida política dos outros países, nomeadamente no nosso. É frequente ver na Imprensa americana ataques a partidos de esquerda, apoios a partidos reaccionários e formação de Governo com os partidos indicados por Eanes, principalmente o P. P. D. e o C. D. S. Como isto não bastasse eles financiam jornais e Rádio em português, autênticos poços de viboras pidescas e salazaristas, citamos por exemplo o jornal «Portuguese Times» com estreita colaboração com o jornal não menos reaccionário editado em Portu-

gal e que se dá pelo nome de «tempo». Este jornal ao serviço da C. I. A. é o maior centro de propaganda do P. P. D. e do C. D. S., assim como dos movimentos separatistas e reaccionários F. L. A. e F. L. A. M. A. respectivamente dos Açores e da Madeira. No «Portuguese Times» nem o Mário Soares escapa. É escandaloso os conselhos portugueses serem autênticos conluios da reacção e do tempo de Salazar e Caetano que por cá se fala com saúde e esperança no regresso do fascismo. Camaradas explorados, antifascistas, povo trabalhador, votai unidos naquele que sempre mostrou estar ao lado do povo, votai no camarada Otelo e venceremos a reacção. Daqui enviamos saudações revolucionárias. Por um grupo de emigrantes portugueses, a residir em Filadélfia.

J. P. S.

Revolução

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
 MORADA
 LOCALIDADE
 PROFISSÃO

Semestral 90\$00 Anual 180\$00 PAGAMENTO

Estrangeiro Em cheque
 Semestral 300\$00 Anual 600\$00 Em vale

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
 Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
 Tel. 573520/573640/573717/573670
 DELEGACÃO DO NORTE
 Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16.30 as 24 horas.

ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 as 20 horas.

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 Tel. 315759/315786 VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

MATOSINHOS — Rua Conde de S. Salvador, 374 BARCELOS — Av. Liberdade 60 1/c

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33 COVILHÃ — Rua Visconde da Corcista, n.º 60 — Tel. 25542
 MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65 CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10
 ARGEA — Tel. 92165 S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afonso, nº 147
 Telefone: 24149

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, nº 40 SACAVERM — Largo 5 de Outubro, nº 16-17 Tel. 2512807
 ALGES — Rua Vinor Duarte Padroso, n.º 15 — Alges de Cima Tel. 2100337 AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, nº 40 Tel. 939525
 PAREDE — Rua Gomes Freixo de Andrade 1 Tel. 2474142 CACEM — Rua de Paço de Arcos, Lote 16

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa Nacional, nº 10 Tel. 2763267/2763397/2763122 COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, nº 10 Tel. 2763267/2763397/2763122
 BARREIRO — Rua dr. Eusebio Leão, nº 31 Tel. 2076745 QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A
 LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, nº 12 SINES — Rua Marques de Pombal, nº 86 — Tel. 62880
 TORRIÃO — Horta Seca

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, nº 21 Tel. 24998 BEJA — Rua Alexandre Herculano, nº 29 Tel. 24594
 ALJUSTREL — R. da Liberdade, nº 13, Aljustrel

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — R. Reitor Teixeira Guedes, 35 — Tel. 24 107 OLHÃO — Rua 18 de Junho, nº 64-B-C
 LOULÉ — Av. José da Costa Mesquita, nº 39 1.º Tel. 63043
 PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17 FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio ESTACARAR — R. D. Pedro Gavião, 5
 MONCHIQUE — Estrada da Foia, 9, Monchique

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

A vitória da candidatura de Otelo reside na dinâmica criadora das massas

As massas trabalhadoras responderam de novo com força, coragem, determinação e consciência política ao apelo lançado pelo homem do 25 de Abril. Mas desta vez não se trata de pôr em marcha algumas unidades militares para ocuparem pontos estratégicos, que viriam a ser secundados pelos trabalhadores no derrube do fascismo. Agora são as massas trabalhadoras em movimento para a tomada do poder que arrastam certamente as forças militares para a construção do socialismo.

E porque longos passos foram dados na consciência política dos trabalhadores e na sua capacidade de organização, este novo apelo — imposto pelas massas trabalhadoras — demarcou campos, apontou já alternativas e alerta para a gravidade da situação política actual, onde mais do que nunca as massas presentem que a alternativa é fascismo ou Revolução Socialista.

As falsas unidades conciliadoras à volta do antifascismo ou do «povo unido» com o «MFA» esboroaram-se. Perante a ameaça de regresso ao fascismo, os trabalhadores sentem que só uma luta sem tréguas contra o capitalismo pode evitar tal catástrofe. Neste agudizar da crise, o reformismo, que desde há muito se vinha mostrando sem alternativa, agoniza perante a movimentação de massas que o começa a cilindrar.

A tentativa de querer manter a candidatura de OTELO no âmbito do antifascismo e o recuo (tanto na movimentação de massas como na teorização dos problemas fundamentais com que se debatem os trabalha-

dores), evitando assim a todo o custo, que seja apresentada uma alternativa revolucionária que corresponda às aspirações das massas trabalhadoras e que mostre uma saída realista para a crise são, na verdade, manifestações de que o reformismo também está presente nesta candidatura mas que a movimentação de massas conseguirá impôr-lhe uma perspectiva revolucionária.

Foi, de facto, a energia revolucionária das massas, dos milhões de explorados deste País que ao concentrarem-se à volta duma esperança, dum homem, dum programa, garantiu a justiça desta candidatura que desde já arrancou as massas da dispersão e divisionismo onde o golpe contra-revolucionário do 25 de Novembro as tinha colocado e desde já aponta para a sua unificação à volta duma alternativa revolucionária com as bases de um programa e com os primeiros passos para a organização dum amplo movimento unitário das massas trabalhadoras.

Milhares de trabalhadores já por várias

vezes tentaram construir uma sólida unidade revolucionária encontram-se hoje, e militantes que durante muitos anos estiveram ligados a partidos reformistas rompem, sentido hoje a possibilidade de unidos e organizados avançarem para a construção da sociedade socialista.

Só uma alternativa revolucionária unificará as massas trabalhadoras

Pela primeira vez, depois do 25 de Abril, as massas trabalhadoras unem-se à volta de um projecto de programa que são as «bases para o programa da candidatura de OTELO».

Depois da tentativa da FUR, onde não só a falta de enraizamento nas massas, como também a impossibilidade de coesão ideológica à volta de uma alternativa revolucionária (devido às posições reformistas que caracterizam algumas das organizações que a compunham) impediu o aparecimento de uma direcção política unificada, surge agora uma no-

va proposta política mais coerente a que as massas trabalhadoras já aderiram.

São as mesmas condições objectivas que impõem que esta candidatura seja uma candidatura de unidade do povo trabalhador para o socialismo, que determinaram as opções fundamentais que estruturaram estas bases programáticas que, depois de discutidas pelo mais amplo movimento de massas possível e aprofundadas, se transformarão num programa de luta das massas trabalhadoras.

São, na verdade, as condições objectivas em que nos encontramos e não qualquer gosto ideológico mais ou menos socializante, que determinaram que de uma ponta à outra destas bases a opção de fundo seja garantir as grandes conquistas alcançadas pelos trabalhadores na luta contra o capitalismo e apontar como única alternativa, para resolver a crise, a sociedade socialista.

E também não é por acaso que o fascismo, que nos ameaça com o seu regresso, é tratado aqui em termos de luta anti-capitalista e que a perspectiva anti-latifundiária e anti-monopolista — linguagem e objectivos de determinadas organizações reformistas — é aqui tratado em termos de luta contra a recuperação capitalista apontando para a necessidade da organização política autónoma dos trabalhadores.

É nesta perspectiva que as organizações populares de base — que através da luta a travar se transformarão em autênticos órgãos de poder dos trabalhadores — são uma condição necessária para que o poder seja exercido democraticamente pelos trabalhadores, impedindo assim a apropriação do poder pelos aparelhos partidários que produzirão inevitavelmente a terrível máquina burocrática que tentará a todo o custo cilindrar a criatividade das massas e segregará uma nova elite dirigista e opressora.

Devemos estar desde já alertados para este perigo ao começarmos a discussão sobre as «bases para o programa da candidatura» impedindo toda a manipulação que pelos reformistas quer pelos carreiristas de

cúpula, quer pelas traições do reformismo que tudo fará para travar a marcha dos trabalhadores para a tomada do poder, tentando controlar as lutas e impedindo-as de pôr a questão da construção do socialismo como o problema principal. Permitir tais desvios direitistas seria conduzir as massas trabalhadoras à derrota abrindo o caminho à repressão fascista.

Apesar de todas as concessões mútuas, que impõe o esforço para a construção da unidade, estas bases que constituem na verdade uma plataforma mínima aceitável conseguiram evitar a mediocridade, a ambiguidade e o reformismo que é o preço quase obrigatório, quando se quer avançar por consenso com um grande leque de tendências e não se quer tomar por vector a determinação das massas em avançar para a tomada do poder.

Neste momento impõe-se certamente uma profunda discussão sobre o «como avançar» na resolução concreta dos problemas das massas trabalhadoras. Mas importa discutir urgentemente as questões relacionadas com a tomada do poder. É necessário clarificar o socialismo a que aspiram as massas trabalhadoras, aquele que apontam as condições objectivas criadas e as formas orgânicas encontradas até agora, e as que o novo movimento de massas está a organizar.

É indispensável que desapareça a ambiguidade sobre as organizações populares de base, para que não venham a ser órgãos acessórios na construção do socialismo, mas base fundamental e determinante numa sociedade socialista, onde a planificação seja determinada pelos trabalhadores, o poder seja exercido democraticamente e a Ditadura do Proletariado reconhecida na prática como expressão máxima do poder político.

Este bloco de questões que têm que ser rapidamente apresentadas, implica também uma clarificação sobre o «poder das armas» que ultrapassará de longe o tratamento dado às forças militares e militarizadas, para nas condições concretas da luta de classes que atravessa este país pôr o problema do armamento dos trabalhadores. Porque, os «soldados sempre sempre ao lado do povo» é um elemento importante na luta de classes, mas como a história ainda recentemente

nos mostrou é insuficiente para conter um golpe fascista, quanto mais para a tomada do poder pelos trabalhadores.

Todo este imparável movimento unitário gerado no seio das massas trabalhadoras impõe como tarefa prioritária a todos os revolucionários, encontrarem as formas orgânicas que o consolide e o alargue a todas as massas populares combatendo o sectarismo, as manobras oportunistas e a tendência ao controlo partidário.

A organização do movimento popular é tarefa de todos os trabalhadores

Depois da FUR, onde a presença reformista do PCP não tendo conseguido hegemonizar o movimento unitário teve que sair, e onde as tendências MLs não se integram na forte aspiração à unidade sentida pelos trabalhadores a movimentação actual aponta de novo com mais determinação e clareza para uma prática unitária nas bases para o combate ao sectarismo e ao exercício da democracia, e para a formação de uma direcção política unificada que garanta uma orientação correcta ao processo revolucionário que de novo emerge.

A ampla movimentação gerada à volta da candidatura revolucionária de OTELO desmascarou o reformismo no seio dos trabalhadores, identificou o inimigo principal com a recuperação capitalista a caminho do fascismo e clarificou as componentes fundamentais deste movimento popular:

Os órgãos populares de base, necessários para a construção do socialismo, os Grupos dinamizadores de unidade popular, as organizações políticas inseridas no interior deste movimento, os militares que se encontram ao lado das massas trabalhadoras.

A organização do movimento popular terá que articular estas quatro componentes tendo em conta o estado actual de organização de cada uma delas, integrando-as num único movimento que tem como programa de luta «as bases do programa de candidatura de OTELO» mas garantindo ao mesmo tempo a respectiva autonomia de cada uma delas.

Eanes na Covilhã

Com ele estiveram apenas os patrões e burgueses reaccionários bem conhecidos nesta terra.

Mas a voz dos explorados fez-se ouvir.

Eanes foi recebido com assobios e apupos.

Enquanto usava da palavra ouviam-se gritos, várias palavras de ordem:

«Presidente só há um, Otelo e mais nenhum»

«O Povo não tem medo de Eanes e Azevedo»

«Morte ao ELP e a quem o apoiar»

Como havia poucas pessoas na Praça do Pelourinho, estas palavras de ordem foram bem ouvidas e a pouco e pouco o eco era cada vez maior.

Então os Eanistas loucos de raiva, avançaram para dar porrada na malta. Acontece porém que o trupo de trabalhadores respondeu energicamente à provocação dos reaccionários, agredindo-os ao muro, obrigando-os a recuar.

O Eanes que estava a falar em cima de uma camioneta, vendo as coisas a complicarem-se, teve medo e meteu-se dentro dum carro, donde continuou a falar.

Enquanto os burgueses gritavam «não às ditaduras» os trabalhadores replicavam «morte à reacção».

Da Covilhã o Eanes foi desenganado e à sua saída os trabalhadores fizeram-lhe a saudação Nazi. «O Eanes que volte cá mais uma vez e não sairá daqui vivo». Era o que se ouvia.

Os trabalhadores deram-lhe a resposta merecida, não aparecendo na Praça. Eles fizeram a sua opção e já a demonstraram quando da visita de Otelo à Covilhã.

Os trabalhadores já não vão em cantigas e sabem que é urgente a sua organização, organização essa que os levará à destruição do aparelho de estado burguês e à tomada e exercício do poder.

e a actualidade nacional

OCTAVIO PATO: Desespero contra Otelo

A campanha eleitoral de Octávio Pato foi dominada pelo apelo a uma «votação maciça» no candidato do P. C. P., a qual (se for de facto maciça...) servirá como moeda de troca para exigir a presença do P. C. no futuro Governo e a concretização da tão falada «maioria de esquerda».

Sabido como é que a direcção do P. C. subordina a sua tática às alianças com o P. S. não se pode, pois, dizer que tenha sido alcançado o objectivo optimo para o P. C. o qual consistia na apresentação de um candidato comum P. C.-P. S.

A candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho veio, por outro lado, agravar a situação do P. C., na medida em que isolou a direcção deste partido de muitos milhares de revolucionários a ele ligados nas ultimas eleições.

Irá Octávio Pato às urnas? E com que fim o faz, se o espera uma votação francamente inferior àquela obtida há 2 meses pelo seu partido (14 por cento)?

Este é, na realidade o dilema que a direcção do P. C. coloca a si mesma.

Excluída que está a hipótese de vir a apoiar na 1.ª volta, qualquer dos 3 candidatos militares, Octávio Pato arrisca-se a obter uma votação muito inferior aos 14 por cento, ou seja um grande descida (se confirmarmos também com a elevada abstenção prevista).

Assim, e porque são a muitíssimos os militantes e simpatizantes do P. C. que apoiam Otelo, resta à direcção do P. C. ou a abstenção oficial à 1.ª volta ou uma desesperada tentativa para recuperar os votos perdidos para Otelo.

Tudo indica que o P. C. tente efectuar esta campanha de recuperação de votos, para o que se deverá socorrer, ainda mais, de umas tantas colónias sobre a personalidade de Otelo e as organizações que o apoiam.

O ISOLAMENTO DA DIRECÇÃO DO P. C.

O isolamento da direcção do P. C. perante o crescendo do movimento popular é um acontecimento positivo na medida em que traduz a perca das ilusões que muitos revolucionários tinham perante aquele partido.

Contrariamente ao que afirma Octávio Pato, em entrevista a um vespertino no ultimo sábado, o objectivo prioritário da candidatura de Otelo não é «minar a influencia de massas do Partido Comunista», nem tão pouco «criar uma certa confusão nas próprias fileiras do P. C. P.».

O objectivo da campanha de Otelo é unir e organizar os trabalhadores ultrapassando as divisões partidárias, desenvolvendo as organizações populares de base, ganhando assim, um novo e decisivo impulso para a construção do socialismo.

É claro que, se o movimento revolucionário avança, os reformistas ficam pelo caminho ou...seguem na cauda.

Dai que a direcção do P. C. esteja preocupada por certas sondagens não darem a Octávio Pato mais de 6 por cento dos votos.

Deste modo, não sendo o objectivo da campanha o isolamento da direcção do P. C. perante as massas trabalhadoras, é um acontecimento que como que «por acréscimo», isto é, na sequência do avanço unido e organizado dos trabalhadores, do movimento revolucionário.

Por tudo isto, é absolutamente necessário que os trabalhadores e todos os explorados se unam em torno de Otelo.

É tarefa indispensável de qualquer revolucionário discutir com os trabalhadores ainda indecisos e explicar-lhes a necessidade que existe em apoiar a candidatura de Otelo.

28 DE SETEMBRO 11 DE MARÇO 25 DE NOVEMBRO

E os julgamentos?

Anuncia-se cada vez com mais insistência, o regresso de Spínola a Portugal, o qual deverá ocorrer na primeira quinzena do mês de Julho.

Em favor do regresso do chefe da organização fascista MDLP jogam a forte possibilidade de, a seguir às eleições presidenciais, serem mandados arquivar todos os processos referentes aos implicados no 28 de Setembro, 11 de Março, bem como no suposto golpe esquerdista do 25 de Novembro.

Deste modo, e sob a capa de reconciliação nacional tão cara aos que querem «viver a liberdade em segurança» (quem sabe se, para o efeito, não irão criar uma Direcção-Geral de Segurança...) o que se anuncia é, nem mais nem menos do que a liberdade para os fascistas a troco do não julgamento de militares revolucionários que, como é o caso de Otelo, nada têm nem podiam ter a ver com o 25 de Novembro, pois este foi um golpe de direita.

Ao realizar-se uma amnistia total desta natureza, Portugal ficaria, assim, numa situação original: após 48 anos de fascismo e mais de 2 anos de agitado bosquejo de democracia portuguesa nem um só julgamento político vai ter lugar neste País.

A menos que o actual poder o faça aos 20 ou 30 pides que ainda estão presos...

Mas a não realização dos julgamentos dos implicados no 28 de Setembro, 11 de Março e dos pretensos implicados no 25 de Novembro não visa somente a «troca por troca», como há já vários meses atrás o «Revolução» havia informado.

Visa também não pôr em causa as mais variadas figuras que, estando no actual poder militar e civil, estiveram também comprometidas «até aos cabelos» nas referidas 3 intencões de direita. E, a este respeito, se se fizesse um autêntico julgamento revolucionário, não tenhamos dúvidas que muito poucas figuras do actual poder politico-militar ficariam impunes.

A "EXTREMA ESQUERDA" DO CAPITAL

A nova ordem fascista

Largo da Estrela, madrugada de dia 15. Uma carrinha Furgon (HD-57-72) Ford Transil cor de café com leite despejou na praça uns trinta jovens de capacete de protecção para moto, armados de barras de ferro. Simultaneamente outros grupos de jovens e de indivíduos mais velhos aparentemente desarmados (?) ocuparam posições nas esquinas do Jardim da Estrela, no início de Campo de Ourique e nas escadarias da Basílica. É neste cenário que a actividade começa: o bando lança-se de matracas em punho e passa a arrancar cartazes de Otelo colados naquela praça. Selvaticamente os cartazes de «Na Presidência um Amigo são arrancados. Pouco tempo depois chega uma carrinha da PSP cujos ocupantes assistem à actividade destruidora.

Mais tarde o bando de capacetes e barras de ferro vem até à Av. Pedro Álvares Cabral receber ordens dos emissários que em grande movimentação saem e entram na sede do MRPP. Mais tarde também a carrinha da PSP vem até à porta do MRPP; entretanto o bando continua a sua actividade, sob as ordens de agitados elementos do MRPP. O entusiasmo destruidor atinge o máximo. A dada altura é mesmo o dirigente Fernando Rosas que sai da sede do MRPP e vem para a rua dar ordens directas a passageiros de carros que passam, aos mirones das esquinas, aos jovens do capacete e da matraca de ferro. É neste auge de actividade que um carro Mini tem o atrevimento de parar para ver a obra do bando; é então que os rapazes se lançam sobre o carro à trancada, mas o condutor consegue escapar e arrancar.

Algumas horas depois a carrinha voltava a parar no largo da Estrela e metia-se nela todo o bando.

Neste mesmo dia 15, de manhã, no largo aparecia colado de cartazes da candidatura de Eanes. A operação estava terminada.

Este espectáculo a que se assistiu na terça-feira nas ruas de Lisboa, é novo. Será uma ilusão pensar que se trata de uma façanha do MRPP, que fez mais uma saída nocturna provocatória como tem feito sempre ao longo destes dois anos.

O bando que na terça-feira esteve no Largo da Estrela é um bando fascista, cuja imagem nos lembra a dos grupos de jovens fascistas «Ordem Nova» surgidos com vigor após o Maio de 68 em França: os mesmos capacetes, as mesmas matracas, o mesmo comportamento. Diremos mesmo que no grupo parecia haver, para além dos militantes do MRPP, indivíduos contratados. E que certos vigias das esquinas eram idênticos.

Esta actividade conjunta do MR.P.R. e da P.S.P. e de mercenários, superiormente dirigida, é o início do estilo de acção, que tem de ser já interrompida por aqueles que querem a revolução.

Os bandos de pseudoesquerda, financiados por mão incógnita, são já neste momento grupos degenerados de fascistas, capazes de ser um instrumento importante do Poder. Os jovens do MRPP, que há uns meses combatiam o CDS à saída do São Luís, neste momento acompanham os jovens centristas nas suas movimentações e confraternizam em actividades fascistas, numa altura em que as próprias juventudes socialistas (casos de Aveiro, de Setúbal, de Lagoa) se recusam a fazê-lo.

A «extrema-esquerda do capital» é um pilar da candidatura de Eanes, que não tem assento no gabinete politico do candidato, mas que funciona para a rua, para a «porrada».

Mas desfalcados como estão devido ao seu desmembramento, os jovens do MRPP já não servem para colar cartazes, e à falta de o fazerem destroem os da candidatura revolucionária e instalam o terror. Esta é a ordem (nova) prometida por Eanes.

Azevedo contra Eanes

No seu jeito fanfarrão, Pinheiro de Azevedo tem deste rido nos últimos dias violentos ataques contra Eanes.

Se bem que, no essencial, Azevedo e Eanes disputem os votos das mesmas camadas da burguesia (e a prova é que o Primeiro-Ministro fez de Eanes o seu alvo principal de ataque) não deixam de ser significativas as alusões que o Primeiro-Ministro tem feito ao tenente-coronel Ramalho Eanes:

«Ramalho Eanes não é do 25 de Abril nem teve quaisquer ligações com esse Movimento, pois caso tivesse eu, como coordenador do 25 de Abril, teria sido um dos primeiros a saber.»

Quanto ao facto de Mário Soares afirmar que Azevedo não tem o «consenso» das Forças Armadas, este respondeu na TV (última sexta-feira) garantindo que tem tanto apoio nas Forças Armadas «como tem o general Eanes ou Otelo Saraiva de Carvalho».

Embora Pinheiro de Azevedo seja um notório reacçãoário movido por ambições desmedidas, o que é certo é que estas suas afirmações (fora as que prometeu até ao fim da campanha) elucidam muita coisa interessante e, mais não fosse, são a prova que a direita não está unida.

De facto, quando Lucas Pires (deputado do C. D. S. pelo Porto) afirma ser «preferível o socialismo do general Ramalho Eanes à democracia do almirante Pinheiro de Azevedo» quando um elemento da Comissão Política deste mesmo partido diz a «O País» que **Eanes não está a «orientar a campanha de melhor forma»**, que mais é preciso para vermos que até o C. D. S. está hesitante?

Em suma: muito embora Ramalho Eanes seja o homem capaz de reprimir os trabalhadores e fazer o País virar ainda mais à direita, a verdade é que as forças de extrema-direita, declaradamente fascistas (tipo o semanário «A Rua», C. D. S., etc.) apoiam Eanes «à falta de melhor».

No entanto, se é importante que os revolucionários tenham em atenção as contradições existentes entre as forças que apoiam Eanes, bom não os sobrevalorizarmos.

Isto porque, apesar de certas divergências programáticas existirem, Eanes serve evidentemente o C. D. S.

MILITANTES DO PC REAGEM A CANDIDATURA DE OTELO

Estes serão fascistas?

São inúmeros os relatos das desvergonhas feitas pelos caciques do PCP, que vão acompanhando a candidatura de Otelos com toda a espécie de provocações. Não falha comício onde não apareça um panfletinho assinado por siglas de ocasião, ou não assinado, mas que é distribuído por elementos daquele partido.

Em Grândola distribuíram um comunicado em nome de uma cooperativa corticeira (Militão), onde insultavam Otelos e os seus apoiantes e diziam que a candidatura de Pato era a única que fazia a unidade de esquerda...

No Barreiro foram apanhados em flagrante a fazer inscrições fascistas. Também no Barreiro se juntaram à PSP para provocar os militantes do PRP que estavam na banca do partido instalada no mercado. Também aí foram calados por um ex-fuzileiro que lhes disse que todos os ex-pídes do Barreiro se acoitavam na sede do PCP.

Na Cova da Piedade e no Lavradio organizaram bandos para provocar as assembleias dos GDUP's de apoio a Otelos.

8 E por esse País fora assim se vão organizando esses democartas! Entretanto, nem uma palavra contra Eanes, a quem desde o início dizem «não hostilizar».

Agora é em Aljustrel que esses provocadores actuam. Aí vai a história de Monte Velho contada na linguagem das próprias mulheres que dela foram protagonistas.

MONTE VELHO (Aljustrel)

«Trabalhadoras dos viveiros da fábrica de tomate do Roxo (Montes Velhos) querendo mandar uma moção de apoio à candidatura de Otelos e não sabendo como fazê-lo dirigiram-se a uma empregada de escritório da mesma fábrica em quem elas tinham confiança. Esta levou-lhes umas folhas onde estava a moção que tinha sido aprovada na Lisnave. As trabalhadoras assinaram as dlistas que representavam quatro, pois no sítio onde era para pôr a profissão assinavam outras.

Entre as mulheres que assinaram as listas estava a mulher de um dos elementos responsáveis do PC de Aljustrel (José da Silva). Ao chegar a casa disse ao marido, e este ficou irritado, e o que é certo é que no outro dia elementos do PC foram a Montes Velhos, cercaram a casa da mulher e disseram-lhe para rasgar as listas. Se não o fizesse deixava de ser comunista. (Leia-se do PC)

Ela respondeu-lhes que ia votar no Otelos e ninguém tinha nada a ver com isso.

As listas foram rasgadas a pedido das outras trabalhadoras.»

ATAQUE À SEDE DO PRP DE ALJUSTREL

Passamos a transcrever a descrição deste estranho acto, feita pelos camaradas do Comité Local de Aljustrel:

«Duas pessoas muito bem identificadas e bem conhecidas desta vila (Ezequiel Santa Bárbara e Adelino Ra-

to), na noite de domingo, 6, para segunda, 7, depois de irem buscar uma grade de regrigerantes à porta da taberna que fica no mercado, puseram-se em cima da mesma rasgando e levando a bandeira do Partido Revolucionário do Proletariado (PRP) que estava por cima da porta da Sede deste partido em Aljustrel.

É curioso que pessoas tidas como antifascistas, escolham como alvo de destruição um partido revolucionário como é o PRP e não ataquem as forças reacçãoárias e os seus amigos, como é o Clube Aljustrelense, que é um local de corrupção e alienação e onde se encontram os elementos mais reacçãoários desta terra. Isto revela bem o pavor que muita gente tem pelo PRP devido à sua conduta revolucionária, tendo em perspectiva a organização autónoma dos trabalhadores (Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores, Conselhos de Aldeia), para a tomada do Poder pelos trabalhadores.

Ações deste género só favorecem as forças reacçãoárias que neste momento avançam decisivamente para esmagarem as conquistas revolucionárias dos trabalhadores, contra o qual a classe operária e todas as classes trabalhadoras terão que se opor unitariamente, fora das barreiras partidárias nos seus órgãos populares de base.»

EM BEJA

Quando o carro de propaganda da candidatura de Octávio Pato percorria a cidade de Beja atravessou o Bairro de Pelame, um bairro pobre, onde têm sido postas em evidência as contradições desta candidatura divisionista. Por isso o carro foi interceptado e os populares gritavam «OTELO! OTELO!». Foi então que os propagandistas de Pato perguntaram desesperados: **Foram alguma vez para a cama com ele para saber se é bom?**

Delicados rapazes!

EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Nos estaleiros Pena, a Comissão de Trabalhadores, que é de maioria PC, «não gosta» que se façam inscrições «Otelos para presidente» e por isso pretende obrigar os trabalhadores que as fazem em seguida apagá-las.

EM COMPENSAÇÃO

Os camaradas de Faro contam-nos o seguinte:

«Na noite de 12 para 13 em Faro, um camarada procedia à recolagem de um cartaz de Otelos. Um militante do PC que passava e pensando que estes procediam à descolagem do cartaz, puxou de uma pistola e disse: «filhos da puta ou deixam o cartaz onde está ou dou-lhes um tiro». Houve

explicações e o camarada do PC seguiu satisfeito.

SÃO FASCISTAS QUE ESTÃO A ACTUAR

É por causa de muitos e muitos casos de militantes do PC como este de Faro rejeitam a atitude da direcção do seu partido para seguirem a candidatura revolucionária. E por causa daqueles que em Grândola, Marinha Grande, Coimbra, agitam no ar o cartão do PC enquanto gritam «Presidente só há um, o Otelos e mais nenhum». É por causa desta onde revolucionária, decerto a mais grave para

os reformistas, que crepita as bases do seu partido, que os caciques entram em atitudes de desespero. E é a pequena burguesia das organizações locais, juntamente com a escumilha pós-25 de Abril que se distingue nestas acções anti-Otelos.

Nós vêmo-lo em cada sítio, conhecêmo-lo, sabemos como é.

De um modo geral não é gente da classe operária.

Mas estes actuam, dirigidas pela direcção do seu partido e incitados pelo veneno que diariamente o «Diário» destila, não são comunistas não são sequer democratas. São fascistas.

Cunhal em Viana

Ontem, segunda-feira, foi distribuído nos estaleiros um insultuoso comunicado, que como tudo o que vem das cúpulas do PC desde a apresentação dos candidatos à Presidência da República mostra a vontade deste Partido de dividir os trabalhadores nem que para isso tenha de usar a calúnia e a provocação.

Interessa desde já dizer que para nós este comunicado não saiu nem teve o acordo dos militantes de base do PC dentro dos estaleiros. Com estes estamos nós desde há muito habituados a uma política de unidade onde não entra a mentira a calúnia ou o divisionismo partidário. Eles que respondam por nós. Os militantes do nosso partido sempre deram o exemplo de que como se faz unidade dentro da nossa empresa. O próprio Conselho de Trabalhadores pode responder por isso. As sujeiras do género deste comunicado estamos nós desde há muito habituados que saiam das ocas cabeças dos quadros do PC que quando olham à sua volta e vêem os militantes de base agir como trabalhadores que são e não como escravos de qualquer partido atados ao Artigo 33.º ou qualquer outro.

O último exemplo das «amplas liberdades» de que o PC tanto faz bandeira, foi a sessão de esclarecimento na Escola Técnica no sábado passado em que o dr. Cunhal em resposta a uma pergunta de um camarada do nosso partido, que ele sabia não poder responder sem mentir ou então condordar connosco, preferiu provocatoriamente rodear à questão insultando o nosso partido, chamando provocador ao nosso camarada e dizendo-lhe que fizessemos a Revolução Socialista sozinhos. O sr. dr. Cunhal esqueceu-se que quem há-de fazer a Revolução socialista serão os trabalhadores e se ele continua assim não será poupado por ela, e é por isso que ele lhe tem tanto medo. O PC chama-nos divisionistas, fala em «maioria de esquerda», dizia que não apoiaria nenhum candidato que não tivesse hipóteses de ganhar, dizia que apoiaria um militar que representasse o espírito libertador do 25 de Abril. Afinal meteu água... divide os trabalhadores com o seu candidato partidário e as suas calúnias. «A maioria de esquerda» a fazer com o PS provou-se maioria de direita quando as cúpulas deste partido mais uma vez se unem à direita reacçãoária no apoio a um candidato do 25 de Novembro. Apoiar um candidato que não tem qualquer hipóteses de vencer, pelo contrário: nem os 14 por cento das Legislativas leva.

O PC que o prove o contrário, em debate público, quando quiser. Por último o interesse que o PC demonstra em atacar o nosso partido é porque sabe muito bem que nós lhe fazemos frente, não aos militantes de base como já o dissemos, mas às cúpulas manobradoras e controladoras. Nós nas últimas eleições defendemos a abstenção ou o voto nulo justificando isso o facto de uma grande parte das massas populares estarem desiludidas com 2 anos de eleições e de remendos, os factos deram-nos razão. Com o feito 1 081 416 pessoas não foram às urnas, 16,74 por cento dos eleitores e isto não foram votos perdidos para a esquerda. «A justa luta do PC para uma maioria de esquerda» ao contrário do que o PC diz não deu frutos, ou então o PC que explique a Santa Aliança PS, PPD, CDS para as eleições presidenciais.

A candidatura de Otelos Saravia de Carvalho é uma candidatura de unidade, os trabalhadores do PC, do PS e do MDP/CDE apoiam-no e estão com ele. Os milhares e milhares presentes no Porto, bem como em todos outros locais por onde Otelos passa, não são militantes dos «grupelhos esquerdistas», são militantes de muitos partidos que nenhum Artigo 33.º dos Estatutos consegue dominar.

Célula do PRP dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo 8/6/76

dos trabalhadores

TÊXTIL MANUEL DIAS

Empresa em crise um problema que se arrasta há muito

A empresa textil Manuel Dinis está tecnicamente falida. Deve 7.000 contos à Caixa de Previdência porque há 10 meses não lhe paga. Tem praticamente tudo em risco. Os trabalhadores receberam o mês de Abril atrasado e em três prestações. Do mês de Maio ainda não receberam nada. Para sobreviver, a empresa precisa, só para adquirir matérias primas, para satisfazer uma encomenda de 150.000 metros, com prazo de entrega até ao fim de Setembro, de 7... contos. Se a encomenda não for satisfeita a tempo, e já está atrasada mais de um mês, as próprias casas de confecções que dependem em 40 por cento da fazenda feita na Textil Manuel Dinis, serão seriamente afectadas. A matéria prima, lá da Áustria e do Cabo só pode ser levantada mediante pagamentos imediatos. Os patrões recusam-se a investir na empresa, agora que ela está em crise, o que é natural pois nem quando ela dava lucros da ordem dos 27 mil contos, como aconteceu em 1973, o fizeram. Assim se explica que as máquinas estejam desactualizadas, o que coloca a empresa numa posição muito desfavorável face à concorrência, e a obriga a baixar os preços para compensar a qualidade não competitiva com as mercadorias estrangeiras. Em consequência desta má administração (até por lá passou Sá viana Rebelo como gerente); dos tecidos exclusivos «clássicos» que deixaram de ter procura, e que mobilizaram às vezes uma máquina só para o fato do sr. ministro; em consequência da crise internacional do aumento das matérias primas, do reflexo da crise a nível nacional, e dentro do sector textil, do aumento dos salários que anteriormente eram de miséria, chegou-se a esta situação desesperada, em que a sobrevivência da empresa está em jogo e dela depende o futuro de 364 trabalhadores.

O arrastar da crise

«É um problema que já se arrasta há muito» disse-nos um delegado sindical. «A empresa há coisa de um ano tem praticamente andado a cair aos bocadinhos. A nossa Comissão sindical tentou alertar o patrão e os próprios empregados de que a coisa não estaria bem e quando faltavam dois dias para o pagamento do 13.º mes chamaram-nos. Nós, nessa altura não abdicámos e dissemos que não era possível, com dois dias de antecedência, virem com aquela coisa de «nao posso pagar» então nós seguimos o patrão aí na empresa um dia inteiro, mas não se chegou a conclusão nenhuma até que fomos ao Ministério do Trabalho. O patrão é o gerente Mário Ferreira Bragas, e a empresa é propriedade de cinco sócios.

No Ministério assinamos uma acta e lá conseguimos receber o 13.º mes, por intermédio de um papel comercial, que eles tinham aí de clientes que deviam à firma... Naquela altura a casa já estava praticamente a ter tendência para falir: passado tempo o

ordenado já chegou tarde e nós alertámos o patrão que o caso não estava bem e ele disse que não tivéssemos problemas porque os ordenados eram uma coisa sagrada, que nunca nos faltariam. Mas chegámos ao fim do mes de Abril e o ordenado chapéu! Esperámos mais uns dias até que ele nos disse que tinha tentado através do Banco Português do Atlântico e do Banco Espírito Santo, conseguir um empréstimo para matérias primas e ordenados, mas tinha-lhe sido recusado o dinheiro sem um estudo das pequenas e médias empresas (P.M.E.s) porque a fábrica está um bocado desactualizada.

Sem um estudo destes indivíduos, o Banco Português do Atlântico chegou a afirmar que preferia perder todo o dinheiro que cá tinha a emprestar nem que fossem mais dez tostões».

O Ministério do Trabalho nada resolve

Voltamos ao Ministério do Trabalho e marcámos lá uma reunião com os sócios da firma, mas estes disseram que se recusavam gastar mais um tostão que fosse com a firma, e que a empresa tinha que socorrer ou pelos seus próprios meios ou com a ajuda do Estado depois do tal estudo das PME's.

Continuamos neste impasse. As coisas nos Ministérios não são muito fáceis, em qualquer lado empurram, isto é tudo muito burocrático. Nós estamos fartos de dar voltas e não conseguimos nada. O ordenado do mes de Maio ainda não foi pago, e o retroactivo que já é de um ano e pouco também não. Perante este impasse, resolvemos fazer um comunicado que entregámos aqui na ponte de Sacavém, à população e mandámos uma carta a todos os Ministérios, fomos até ao Conselho da Revolução, ao Primeiro Ministro, ao Ministério da Indústria e Tecnologia e Ministério das Finanças.

C.T. para continuar a luta

Dávamos ao governo um prazo até ao dia 9 e se eles não dessem uma solução para o problema iam para outra forma de luta. O que tínhamos pensado fazer na altura era uma barricada em Sacavém, mas depois pensámos nos prós e nos contras e chegámos à conclusão que possivelmente iam pôr os trabalhadores contra trabalhadores e que não tínhamos força para uma coisa dessas, uma vez que os trabalhadores também vinham para os empregos. Decidimos fazer um plenário. Nessa altura chegou-se à conclusão de que como só havia uma comissão sindical, era necessário eleger uma comissão de trabalhadores, para nos dar mais hipóteses de lidar em certos ministérios. Já estão eleitos oito elementos e falta eleger o nono para a CT ficar completa.

Só depois poderemos decidir quais as novas formas de luta».

CLARCOOP-COIMBRA

Falida com os p mas a funciona

REV. — Podes fazer um breve historial da empresa, até ao momento?

Bem, a empresa nos últimos anos, como aliás todo o sistema capitalista não só em Portugal, tinha uma péssima gestão, com erros de toda a ordem, vivendo à custa de «balões de oxigénio» da banca, empréstimo sobre empréstimo, e a degradação continuava. No 25 de Abril, houve o impacto ao qual alguém chamou Revolução. A degradação atingiu o auge nos primeiros meses de 1975 em que se entrou numa situação anarquizante. Em Maio o patrão abandonou a empresa, ausentando-se para parte incerta, ficando a esposa, que devido às dificuldades económicas, resolveu abandonar também, até porque o ambiente não lhe era propício para continuar a gerir fosse o que fosse, pois revelava um espírito demasiado autocrático e uma incompetência a toda a prova. Perante isto, os trabalhadores só tinham um caminho: entrar em autogestão.

Foi eleita uma Comissão de Trabalhadores, e os meses seguintes foram de instabilidade, também derivada da própria instabilidade política que reinava no país nesse momento. Se antes havia o apoio consequente ou inconsequente da banca, ele continuou a existir, mais inconsequente.

As dívidas da firma eram tão pesadas que não se podia falar de ocupação selvagem ou algo assim, porque não havia qualquer hipótese de recuperação económica com a gestão anterior. A dívida é de largas dezenas de milhares de contos...

REV. — Havia possibilidade de colocação do produto, cá?

Sim, desde que houvesse boa organização, o que nunca existiu, pelo menos nestes meses em que tivemos um impasse bastante vincado, pois as pessoas tinham limitações de toda a ordem. Até ali, havia a figura carismática do patrão, ao qual se é obrigado a obedecer a mal ou a bem, e ainda que erre, é-lhe «perdoado» pois trata-se do patrão, e ele é que sabe... quando o patrão abandona, as dificuldades agravam-se, pois não havia, nos moldes tradicionais capitalistas, qualquer hipótese de recuperação.

Após este abandono do patrão (Engº Mounier) a Comissão de Trabalhadores contactou um indivíduo de confiança para os auxiliar na gestão da empresa. Chegam então à conclusão que para a recuperação da empresa era necessária uma remodelação total de quadros e estruturas.

Surgiu então a ameaça (obra do Ministério do Trabalho) da retirada das credenciais às C. de Trabalhadores das empresas em Auto-Gestão.

Perante esta ameaça que não passa de uma tentativa descarada de tentar recuperar os interesses de uma determinada oligarquia económica de uma determinada classe, que não é a nossa, os trabalhadores acham a resposta: formar uma cooperativa de produção.

Apesar de não possuírem grandes meios materiais, os trabalhadores (cerca de 200) confiaram na sua força de trabalho.

A entrada em sistema Cooperativista obrigava a pensar em vários factores que poderiam influenciar um trabalho válido ou não, quer dizer, o mínimo falhanço por parte dos trabalhadores é aproveitado pelos seus inimigos de classe, para os derrubar, o que implica a necessidade de compreensão e de união entre os trabalhadores.

Claro que as pessoas que já fizeram a sua opção de classe sabem que não se pode dar armas ao inimigo, que já é bastante forte e um trabalhador que seja eleito para cargos de gestão pode falhar em algo sendo criticado pelos próprios camaradas de trabalho, o que pode servir para o jogo de calúnias da burguesia.

Uma empresa onde exista uma gestão de trabalhadores não pode entrar em anarquia. É necessário estabelecer uma situação, dar-lhe organização e estrutura, visando não o lucro, mas a integração das pessoas nouro tipo de sociedade.

Quando entramos em Cooperativa, essa organização não existia, visto que, como já disse as pessoas tinham limitações de toda a ordem, pois não é em vão que a burguesia impingia às pessoas diariamente, discursos e discursos da sua ideologia alienante. É um facto que parte dos trabalhadores deste país estão alienados, sendo tarefa dos mais conscientes, esclarecer e recuperá-los para a Revolução, destruindo esses «cancros» que tem minado a nossa classe.

Por outro lado o apoio financeiro da banca também falha, até porque a banca está muito longe de estar ao lado do povo; está sim ao serviço de um certo povo que é o mesmo de outros tempos...

REV. — E quanto a matéria-prima houve ou há dificuldades?

Trabalhador — Em matéria prima, tivemos sérias dificuldades, sobretudo nos produtos importados; não há dúvida que este país esteve alguns meses sujeito a boicotes económicos dos países da Europa Ocidental, onde como se sabe, a burguesia é dominante. Neste momento temos quase racionalizado o sistema de assistência em matéria-prima, tendo até um ligeiríssimo apoio da banca neste sector; só nos falta organizar o sector em moldes mais funcionais para que se possa provar que aqui e em todas as empresas nas mesmas condições, é possível, perfeitamente possível, os trabalhadores organizados construirem algo de novo...

REV. — ... Construir algo de novo, numa sociedade capitalista?...

Trabalhador — Não! De maneira alguma! Nós, quer queira a burguesia ou não, somos uma célula socialista... se me perguntarem se todos os trabalhadores são perfeitamente conscientes, eu direi... talvez não! Pois até votam, porque os discursos que lhes fazem é a maneira de os fazer iniciar e acabar a sua participação política num voto que põem numa urna e que não diz nada a ninguém... isto é meio caminho andado para perpetuar a tal alienação...

O nosso objectivo é criar células

trões nas mãos dos trabalhadores

socialistas cuja prática diária leve a dizer: isto é construir o Socialismo!

A História confirmará que a sociedade capitalista, a sociedade em que existe a exploração de uma determinada oligarquia, duma determinada classe dominante em relação à grande massa de trabalhadores, tem que, infelizmente, deixar de existir, não tem hipóteses e os defensores dessa sociedade sabem que já falharam; tantarão apenas continuar a contrabalançar, a fabricar soluções cada vez mais repressivas, a criar novas formas de dizer que a sociedade em que vivem é a ideal embora saibam bem que só é ideal para eles, os exploradores... Nós temos a força, a força física porque somos a maioria; e temos a força da razão porque somos explorados. Há zonas do país onde a consciência de exploração é grande, havendo outras em que não... mas voltando ao caso da Clarcoop, os homens que se encontram à frente da Cooperativa estão profundamente interessados na Revolução-Socialista!

REV. — Em que moldes se processa a colocação do produto no mercado?

Trabalhador — Uma das nossas primeiras tentativas, quando entramos em cooperativas, foi, como sabíamos que isso era um factor principal para uma dinamização da empresa, era importante um bom circuito de vendas, portanto tentar a conquista do mercado, tendo sempre presente esta reali-

dade: estamos inseridos numa sociedade capitalista, decadente, doente é certo, mas é capitalista na sua essência e temos de utilizar as armas dessa própria sociedade, para num futuro que esperemos seja menos longínquo do que outros pensam, a derrubar com as suas próprias armas e não só... Portanto utilizámos as armas capitalistas e a nossa primeira tentativa foi racionalizar o nosso circuito de vendas, o que não foi possível em Fevereiro, pois estávamos desfasados da realidade dos problemas da Clarcoop e em 1.º lugar fizemos uma tentativa de análise a esses mesmos problemas e chegamos à triste conclusão que eram demasiado pesados para perdermos mais tempo.

Portanto como primeira medida entendemos que devíamos racionalizar o nosso circuito de vendas, tentar recuperar uma estação que estava nitidamente perdida, pois nós como indústria de lanifícios e vestuário vivemos à base de estações (Inverno, Primavera, etc.). Portanto temos que organizar, estruturar uma estação com antecedência de maneira a não falharmos nos meses que se seguem. Evidentemente que quanto se esteve em Auto-Gestão não se organizou nada, tentou-se apenas dar sequência, o que é muito pouco e significa esperar que os impasses apareçam... e quando aparecerem, foram de tal ordem duros que nós sentimos a dado passo altamente desmobilizados, sobretudo

pelas críticas que os próprios trabalhadores nos faziam. Fevereiro passou... mal... mas passou... Março passou, também mal mas passou, em Março fizemos as primeiras tentativas a que demos sequência. em Abril... estávamos muito longe de normalizar mas as tentativas foram feitas...

REV. — Dentro dessas tentativas estão incluídos contactos com outras Cooperativas nas mesmas condições?

Trabalhador — Houve a necessidade de as Cooperativas criarem órgãos de coordenação devido à tal tentativa do Ministério do Trabalho, de cancelar as credenciais das Comissões de Trabalhadores. Criou-se então a Direcção das Cooperativas de Coimbra e uma segunda fase o Secretariado das Cooperativas e Empresas em Auto-Gestão, que tem muito mais valor pois viu que a nossa luta como Cooperativas não pode ser desligada das lutas das empresas em Auto-Gestão. É evidente que cada Cooperativa e cada Empresa em Autogestão se debate com os seus próprios problemas... Algumas já morreram, o que é triste... outras continuam a lutar com cada vez mais dificuldades. Presentemente na Clarcoop temos o circuito de vendas racionalizado. É feito à base de um viajante e de dois camaradas da firma que cobrem todo o resto das zonas do país... sem ser fabuloso, o seu início é de modo a anunciar boas perspectivas futuras.

O assassinio de dois trabalhadores da Carris

Como os jornais diários noticiaram largamente, na madrugada do dia 10 dois trabalhadores da Carris foram assassinados junto ao Estádio Nacional, durante as suas horas de serviço. **OPINIÃO DA POLÍCIA JUDICIÁRIA:** «Roubo ou vingança pessoal».

Como entretanto a mala do cobrador e os casacos foram descobertos com todo o dinheiro dentro, a P. J. passou a inclinar-se somente para a «vingança pessoal».

Várias coisas saltam imediatamente à vista dos mais desprevenidos: Quem é que MATA arriscando-se a 30 anos de prisão para roubar dois indivíduos num sítio perfeitamente isolado como aqueles? Quem é que poderia desenvolver uma acção de vingança pessoal contra dois trabalhadores sobejamente conhecidos pelos seus camaradas de trabalho pela sua honestidade e fácil trato?

QUEM FOI E PORQUÊ?

Não temos dúvidas que apesar da muita tinta que se gastou nos jornais burgueses, não foi dita a verdade do que se passou, não foi até agora feita a correcta análise do assassinato de mais estes dois trabalhadores. Dizemos mais dois trabalhadores porque

ultimamente morreram dois motoristas de táxi em condições idênticas, para já não falarmos em todos os outros actos terroristas que se têm verificado neste país.

Não é por acaso que no Chile poucos meses antes do golpe de Pinochet, o mesmo se verificou. O assassino é o mesmo lá e cá: A DIREITA REACCIONÁRIA que está muitíssimo interessada em criar um clima de ansiedade, de perfeito desespero entre as massas trabalhadoras, de maneira a que se diga, como os mais desprevenidos já vão dizendo, «isto antes não era assim...ao menos andávamos seguros nas ruas», «precisávamos aqui era de um homem que mantivesse a ordem, o respeito, a disciplina», etc, o que favorece neste momento a campanha eleitoral de Ramalho Eanes que tem como lema essa mesma ORDEM, RESPEITO E DISCIPLINA, e, entretanto, dois dias depois do assassinato destes dois trabalhadores, aparecem colados por todas as paredes cartazes de apoio a esta candidatura dizendo: «Vive a liberdade, em segurança».

Sendo os trabalhadores da Carris (cerca de 7500), aliás como todos aqueles que lidem directamente com o público, um optimo veículo de transmissão de ideias como as que acabamos de citar, caso estes se deixem

manobrar ou levar pelos sentimentos, fácil é de prever que a direita reaccionária aí jogue trunfos.

A RESPOSTA A DAR

Perante isto, não é exigindo às «autoridades» a ordem e a segurança que os trabalhadores se vêm defendidos, porque essas mesmas autoridades não têm qualquer tipo de problemas em matar trabalhadores na primeira oportunidade. Há sim, neste momento, que lutar fortemente pela Unidade, para que dela possa sair uma acção organizada de luta para a tomada do poder pelos trabalhadores. Há também, e nesta altura eleitoral, que nos pormos do lado bem definido da barreira, do lado daquele que defende as organizações populares de base, que se compromete a incentivar-las, que enfim luta pela unidade da classe trabalhadora sob um programa revolucionário em defesa das classes mais desprotegidas.

Só debaixo desta perspectiva se pode enquadrar nesta altura a luta dos trabalhadores da Carris, como a luta de todos os trabalhadores portugueses contra o fascismo, contra o terrorismo, pelo Poder Popular.

TRABALHADORES

DA FUNÇÃO PÚBLICA EM LUTA

Os trabalhadores da Função Pública convocaram no dia 15 deste mês uma concentração para S.Bento durante a qual os representantes sindicais entregaram ao Governo uma moção exigindo a revogação do despacho anti-greve (apesar de na Constituição este direito lhes ser permitido), do Decreto-Lei 294/76 (cria o Quadro Geral de Adidos e põe em causa o seu direito ao trabalho) e do artigo 50 da Lei Sindical que prevê legislação sindical especial para a Função Pública. Esta moção previa, ainda, que, caso o Governo não desse satisfação a estas exigências até dia 19, os trabalhadores encetariam novas formas de luta.

A esta concentração aderiram o Sindicato Nacional dos Agentes Técnicos Agrícolas, Sindicato dos Engenheiros Técnicos Agrários, Sindicato dos Engenheiros da Região Sul, Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul, Organização Pró-Sindical dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, Sindicato Nacional dos Trabalhadores Sociais, Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul e Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, cujos trabalhadores também são abrangidos por estas medidas repressivas.

A resposta foi a manutenção do despacho anti-greve deixando ao critério dos ministros o avaliar se uma luta é ou não justa e se, conseqüentemente, o despacho deverá ou não ser aplicado; a manutenção do art. 50 e a proposta de entrada em conversações com as organizações sindicais a fim de se alterar o 294/76 «no que toca àquilo que directamente afecta os trabalhadores», o que quer dizer que pouco será alterado num decreto que nenhuma alteração fará com que deixe de ter um carácter marcadamente atentório da liberdade dos trabalhadores.

No entanto, e apesar da gravidade das medidas fascistas e repressivas que ameaçam abater-se sobre os trabalhadores da Função Pública, a concentração não conseguiu reunir mais do que cerca de 4.000 dos muitos milhares de trabalhadores que existem em Lisboa.

Esta desmobilização não é de admirar se tivermos em conta que nas poucas vezes em que os trabalhadores da Função Pública têm demonstrado decisão de avançar e levar a sua luta até às últimas conseqüências sempre têm encontrado entraves por parte da Comissão Directiva do Sindicato (CDRP) que pela sua política de conciliação constantemente tem traído as várias lutas encetadas logo após o 25 de Abril.

Entretanto, na Função Pública existe já uma luta bastante importante que é a dos trabalhadores do INE. Estes trabalhadores atingiram já uma forma de luta avançada — a greve — que ultrapassou a própria Direcção Sindical e que poderá, pela primeira vez, dar origem a um forte avanço na tomada de consciência dos trabalhadores da Função Pública e poderá mostrar ao Governo que estes não ficaram adormecidos por 48 anos de fascismo e, tal como os outros trabalhadores, irão reagir a esta legislação injusta, repressiva e fascizante.

Será assim, na prática, lutando por objectivos concretos que os trabalhadores conseguirão impôr e levar até ao fim formas de luta correctas.

NO REGRESSO DAS ILHAS OTELO ESTEVE NO BARREIRO

"O povo é quem trabalha e faz um mundo"

O Barreiro estavara. Dezenas de milhares de trabalhadores (50 mil) esperavam Otelu. Era a primeira grande saída festiva em massa para a rua depois do 25 de Abril.

Otelu chegou. Foi o rebenatar do entusiasmo, foi o levantar das vozes que impõem: «Presidente só há um — Otelu e mais nenhum».

Era a grande unidade em torno de uma candidatura, era a grande unidade em torno do 25 de Abril e do avanço da luta pelo socialismo.

Antes da ida de Otelu ao Barreiro e, como o anterior número do «Revolução» já tinha denunciado, rprovoadores andaram a escrever nas paredes calúnias em relação a Otelu. A extraordinária multidão e a sua força demonstraram bem a consideração que o povo trabalhador do Barreiro tem sobre essas manobras provocadoras, bem próprias de fascistas.

Otelu começou por afirmar:

«Presto a minha homenagem a esta vila do Barreiro, a todo este povo trabalhador que durante dezenas de anos que, sendo profundamente reprimido pela sua actividade contra o regime de opressão que vigorou até ao 25 de Abril, fez sempre frente a um regime inimigo do povo trabalhador, fazendo com que tantos dos seus filhos fossem perseguidos, torturados, exilados, devido à acção das forças repressivas: PIDE/DGS, GNR e outras forças que durante esses anos todos violentaram profundamente as aspirações mais profundas do povo do Barreiro».

«Numa localidade como o Barreiro, custa-me a admitir, e se não visse não acreditava, que haja elementos de direita metidos no meio da população. Mas quando eu vejo pelas paredes aquilo que ali está escrito, há realmente entre nós elementos de direita ou de extrema-direita.» — ao que a multidão gritou:

«**Abaixo a Reacção!**»
Mais à frente Otelu continuou:

«É evidente que o povo do Barreiro, povo trabalhador de tão longas tradições revolucionárias, não pintava aquilo nas paredes, e não acredito que partidos de esquerda que se dizem revolucionários façam também aquelas pinturas nas paredes».

«Tudo isto significa que o fascismo, sobretudo depois do 25 de Novembro, a primeira grande vitória da burguesia dominante, depois das derrotas do 25 de Abril, do 1.º de Maio de 74, do 28 de Setembro, do 11 de Março, a burguesia dominante depois de al-

cançar a primeira grande vitória como 25 de Novembro de 75 tem vindo a tomar o freio nos dentes, a reacção tem avançado a passos gigantesco».

Sobre a sua deslocação a Chaves e Lamego, sobre o problema dos retornados, Otelu afirmou:

«Aquilo que aconteceu em Chaves e em Lamego onde grupos minoritários de portugueses que, durante algumas dezenas de anos trabalhavam nas antigas colónias portuguesas, que ali conseguiram obter largos privilégios, que tinham o seu Mercedes ou o seu Pontiac, esses portugueses (que tinham uma vida desafiada nas antigas colónias) de repente vêem cerceadas as possibilidades de continuarem essa mesma vida, esses retornados ricos que nada produzem para a Nação e se limitam a receber as indignas esmolas do Estado, são aqueles que, agora, quando têm oportunidade — e essa oportunidade vem-lhes surgindo cada vez mais depois do 25 de Novembro — esses retornados não merecem a consideração do povo trabalhador português.

Os responsáveis do Governo, terão que criar, à custa dos capitalistas, e não uma vez mais à custa do povo trabalhador, empregos, obrigando toda essa gente a trabalhar.

Mas há que diferenciar entre esses retornados que normalmente viviam nas cidades ou que tinham grandes fazendas no interior de Angola, de Moçambique ou da Guiné, dos retornados pobres, povo trabalhador humilde que, enganado pelas ofertas de alfaias agrícolas, de 2 cabecas

de gado para puxar a charrua e de outras facilidades do Governo de Salzar e de Caetano, embarcaram nessa cantiga e foram trabalhar para terras de África. Esses regressaram à metrópole tão pobres como tinham saído daqui, esses regressaram e reintegram-se na terra a que pertenciam e estão de novo a procurar refazer a sua vida honestamente.»

Otelu contou depois à multidão a sua viagem às ilhas. Mostrou, assim, no concreto, como nas ilhas, da mesma maneira do que no continente, no Norte como no Sul, nos campos como nas cidades, a luta revolucionária do povo trabalhador se desenvolve e, de como a candidatura das organizações populares de base é um dos factores dessa luta.

«Aquilo que me sucedeu nas ilhas também é sintoma dos passos gigantesco que está a dar a reacção e o fascismo em terra portuguesa.

O fascismo domina nas ilhas da Madeira e dos Açores.

A minha deslocação à Madeira foi uma jornada maravilhosa, de esperança de um povo exploradíssimo há dezenas de anos e que anseia pela chegada de um 25 de Abril, que ainda não chegou.

Foi a força e a coragem desse povo que está irmanado à volta do meu programa que fizeram que aquilo que se chama a FLAMA, só aparecesse escrita nas paredes.

Mas há da parte das autoridades da Madeira e dos Açores graves conivências com as forças fascistas, que se antes do 25 de Abril ansiavam por uma centralização administrativa radicada

em Lisboa, agora pugnam por uma falsa independência nacional para a Madeira e os Açores. Mas os povos madeirense e açoriano não querem uma falsa independência que os colocaria de imediato debaixo da pata da potência imperialista que são os Estados Unidos.

Assim que cheguei à Madeira houve um oficial que se dirigiu com uma notificação de que não poderia realizar no Machico um comício que estava previsto dado que, segundo o artigo tal da lei não sei quantos, não tinham havido notificação dada à C-M. de que esse comício se iria

realizar no Machico. Eu desloquei-me depois no meio da alegria popular em camioneta de carreira durante 20 Km até ao Funchal. E a minha surpresa e minha alegria foi enorme quando a vasta multidão que ali se encontrava com o mesmo entusiasmo e calor iguais em absoluto àquela que existe no Barreiro, neste momento, igual àquela que existiu de Norte à Sul do país.

Desloquei-me depois para o Machico. Quando disse a esse povo que não era possível realizar o comício, houve toda uma indignação geral a qual eu consegui calar dizendo-lhes que como eu não

estava autorizado a fazer o comício, que o povo fizesse o comício, porque o povo é quem mais ordena. No comício eu não fiz o comício mas apenas falei para os amigos que ali se encontravam. Enquanto eu estava a falar, em cima de uma estátua tive a notícia de que jeeps da PM se aproximavam para acabar com a sessão. Para evitar confronto entre aquele povo trabalhador amigo e as chamadas forças da ordem, eu terminei rapidamente a conversa e depois circulamos alegremente pelas ruas do Machico. Quando a P.M.

Uma história verdadeira dos Estaleiros de Viana

A história que passamos a contar aconteceu há uns dias em Viana do Castelo e é uma entre muitas, mas pode ser exemplar.

Em 3 de Junho, um documento assinado pela célula do PCP dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo e com o título «Apoiemos Octávio Pato» dizia:

«Foi distribuído nos estaleiros um panfleto cujos autores, escondendo o anonimato sob uma sigla fantasma, procuram confundir os trabalhadores no que respeita às próximas eleições para a Presidência da República.

«Minimizam os resultados obtidos pelas forças da esquerda nas últimas eleições e, com o claro intuito de dividir, insultam o nosso camarada Octávio Pato, candidato do PCP à Presidência da República.

«Os objectivos dos autores deste hábil mas imundo panfleto são claros: Tentam esconder que os trabalhadores portugueses recusaram nas últimas eleições as propostas divisionistas de grupelhos sem princípios e sem implantação nas massas populares.

«Tentam fazer esquecer que a direita foi vencida — e claramente vencida — nas últimas eleições. Fazem, também neste aspecto, o jogo da direita, interessada em enterrar o resultado das eleições de Abril.

«Tentam lançar a confusão sobre a candidatura apresentada pelo Partido Comunista Português, procurando minar o apoio popular que a política clara de unidade de esquerda, defendida pelo PCP, aquela serve de facto os interesses dos trabalhadores, mere-

ceu nas últimas eleições.

«Nesta acção de divisão, os esquerdistas que agora se acobertam sob uma nova sigla, tentam aproveitar-se de um nome ligado ao 25 de Abril, tentando assim compensar o isolamento a que os conduziu o seu sectarismo. O resultado da sua acção, se as suas tentativas tivessem êxito, seria benefício exclusivo da direita».

Dois dias depois surgia uma resposta, desta vez assinada:

MANIFESTO DE APOIO À CANDIDATURA DE OTELO SARAIVA DE CARVALHO POR OPERÁRIOS DOS ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO

O 25 de Abril de 1974 amanheceu com a gloriosa restauração da liberdade pelo derrube do regime fascista. Esta façanha só foi possível devido à intrépida acção levada a cabo por um grupo de capitães, cujo cérebro foi o major Otelu Saraiva de Carvalho. Desnecessário será lembrar a grande dívida de gratidão do povo trabalhador para com Otelu Saraiva de Carvalho, pois a sua posição, através destes dois últimos anos, é suficientemente elucidativa pelo seu cunho de luta em prol das classes operária e campone-

NOVO"



chegou já a conversa que eu estava a ter tinha cessado. Mas entretanto soubemos que é norma da casa, ao mesmo tempo que chega a P.M. apagam-se as luzes. Metemo-nos nos carros e acabámos por jantar numa tasca, onde mais uma vez estivemos com aquele povo amigo da Madeira, cantando canções revolucionárias, como esta que era assim:

**«FESTA, FESTA DO POVO
O POVO É QUEM TRABALHA
E FAZ UM MUNDO NOVO»**

«Fomos então dormir numa maternidade, onde estavam homens, e lo-

go de manhã no aeroporto, quando me dirigia para a Ilha Terceira, estava um oficial que me informou que havia perigo em deslocar-me para o aeroporto das Lages porque tinham conhecimento de que a FLA tinha comunicado de que ia cortar os acessos ao aeroporto, donde de que a policia tivesse que se ver na contingencia de não deixar o avião aterrar. E evidentemente que eu disse: «Vamos e vamos mesmo».

«Entretanto tinha conhecimento do comunicado que o governador e comandante-militar da Madeira tinha emitido. Esse comunicado dizia

que eu tinha tido conhecimento que estava proibido o comício no Machico e que mesmo assim, fugindo à lei, o que era admissível num candidato à Presidência da República, tinha iniciado uma arenga à multidão a qual tinha sido interrompida pela chegada das forças da ordem, as quais não podiam permitir, etc, etc. Pois este senhor fez a apresentação para a TV madeirense dos 4 candidatos que participaram naquela mesa redonda, onde procurei ser o mais diplomata possível, dizendo de mim coisas coisas que curiosamente são ditas e empregues pela extre-

ma-direita (e não só). Este oficial que está graduado em brigadeiro é um elemento de profunda ligação como o ex-general António de Spínola. E este é uma alerta que eu faço ao povo trabalhador porque se está a dar uma enorme recuperação à linha que esteve ligada ao ex-general Spínola, está a preparar-se o regresso do mesmo ao nosso país.»

**E a multidão gritou:
«SPINOLA — FASCISTA,
ASSASSINO».**

«Tomámos o avião para os Açores e quando aí chegamos o caso foi mais grave. Assim que saímos do avião na Base Aérea das Lages, os heróicos elementos progressistas da Ilha Terceira vieram ter connosco muito nervosos dizendo que tinham procurado a todo o custo fazer com que nós não fossemos à Ilha Terceira porque não havia condições para se fazer o comício, tendo a FLA lançado um panfleto na véspera dizendo que me ia escorraçar dos Açores e eu para acalmar os rapazes, decidi desistir de fazer o comício.

Acabei por dar uma conferencia de imprensa a 3 jornalistas, um deles no fim perguntei-lhe se era da FLA, pois as perguntas que ele fazia eram extraordinariamente venenosas. Ele acabou por me dizer que era açoriano e português...

De modo que acabámos por ir almoçar. Quando estávamos no meio do almoço aproximou-se um capitão da Força Aérea que me disse: «Otelo agarre aí em alguém com uma máquina e vá tirar uma fotografia à porta de armas desta Base Aérea porque está lá hasteada a bandeira da FLA». Imaginem o que é estar num quartel português, às 2 horas da tarde hasteada uma bandeira que não é a nacional mas que é a bandeira azul e branca de um pretensomovimentodelibertação dos Açores.

Imediatamente o repórter que me acompanhava se deslocou à por-

ta de armas para tirar um foto e passados instantes regressou junto-de nós muito pálido suando em bica, dizendo-me que ao tentar tirar a foto tinha sido agredido e atirado ao chão. Eram cerca de 300 indivíduos que o atacaram violentamente e lhe roubaram a máquina. Isto perante a passividade total da policia que estava presente. Quem conseguiu safar o rapaz da triste situação em que se encontrava foram dois ou três cabos da PA que o conduziram para junto de nós.

Acabámos o almoço, vieram dizer-me que era melhor retirar-me para o avião porque havia noticia que os tais 300 energúmenos iriam invadir a base aérea (eu achei estranho que 300 tipos consigam de repente entrar num quartel, qualquer que ele seja às duas da tarde). Quando nos deslocamos para o avião ainda tive um contacto com um major-paraquedista, que tinha sido daqueles 123 que saíram de Tancos, vim por acaso a saber que ele era filiado no PPD e membro da FLA. Esse major teve o desplante de dizer a alguém da minha comitiva que ontem tinham estado com um dos chefes da FLA que lhe tinha dito que eu hoje não falaria de certeza nos Açores, logo paciência... Reparem nisto tudo! A extraordinaria convivencia que existe entre as autoridades dos Açores e a FLA.

Quando nos estavam a dirigir para o avião, irromperam na pista as tais 3 centenas de energúmenos que, com a bandeira da FLA desfraldada ao vento, se dirigiam ameaçadoramente para o avião. Nós eramos meia dúzia, procurámos fazer-lhes frente. Uma grande passividade existia da parte da policia que ali se encontrava e, lá que o major sempre puxou pela G3 e assim os conseguiu afastar.

A mensagem que vos deixo continua a ser uma mensagem de unidade, de organização de constante mobilização para a

luta e, a certeza de que o povo unido tem força e determinação para vencer a tremenda luta de classes em que nós estamos empenhados em Portugal.»

O discurso de Otelo, é a exaltação da luta do povo trabalhador e, ao mesmo tempo o alerta para o avanço do fascismo. No fim, quando as pessoas começavam a sair pois pensavam que o comício tinha terminado, Otelo deu a seguinte informação aos trabalhadores:

«Tive conhecimento de uma noticia que agora já tenho confirmada. Imediatamente após termos levantado voo da Base Aérea das Lages, as praças da PA, os boinas azuis, reuniram-se em plenário e decidiram fazer a entrega das boinas e exigir a imediata passagem ao contingente geral, considerando que não podiam admitir a invasão da Base por aqueles 300 energúmenos, numa afronta às liberdades alcançadas com o 25 de Abril e expressaram apoio e solidariedade totais com a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho.

Devo também acrescentar que, face a esta tomada de atitude que os actuais chefes militares vão considerar de alta indisciplina, o Governador dos Açores que já tinha decidido mandar aprisionar ou deter sob custódia os 5 camaradas que eu lá deixei em terra à espera de avião para Lisboa, que já tinha dado ordem para que esses 5 camaradas fossem entregues sob custódia ou sob prisão à PSP, viu-se obrigado a aceder àquilo que exigiam os soldados da PA que era serem eles a custodiarem os camaradas. Os camaradas ficaram portanto, sob custódia dos soldados da PA.»

A isto, a enorme multidão respondeu "com um grito que é "fude na luta entre os adores fardados ou não, grito que é ao mesmo tempo a contatção de um facto e de uma exigencia: "SOLDADOS SEMPRE, SEMPRE AO LADO DO POVO».

deira iana do Castelo

sa. Caracterizada por um temperamento popular procurou ser fiel aos princípios do programa do 25 de Abril. Teve a coragem de desmascarar os componentes do Conselho da Revolução que ocupavam o tempo de reunião em degradar-se por interesses pessoais e contra o processo de democratização numa via socialista. Sacrificou a sua carreira profissional em defesa da independência da nossa pátria e dos interesses dos portugueses, muito especialmente dos menos favorecidos. Representou a ala do poder popular no MFA que o identifica como o único candidato à Presidência da República com capacidade de interpretar a Constituição de forma progressista e assegurar as conquistas alcançadas pelos trabalhadores.

Foi acusado, foi traído. Por quem?

Por politiqueros comprometidos com o capitalismo nacional e estrangeiro e por militares afectos à alta burguesia. Quando isto sucede é sinal de que essa pessoa não serve os interesses dos capitalistas. Consequentemente terá de ser um acérrimo defensor da classe trabalhadora. Por isso é detestado pelos opressores do povo porque vêem nele um guia fiel das massas populares e capaz de conduzir a união de todos os trabalhadores para os conduzir de forma a possibilitar a conquista do «poder da burguesia» e instaurar um regime democrático popular.

Um grupo de filiados do MDP/CDE

e do PCP, debruçando-se sobre a maneira de ser dos candidatos à Presidência da República e tendo em consideração o grande significado que o futuro presidente da República, a eleger este mês, terá na vida do povo trabalhador, deliberaram manifestar publicamente o seu apoio ao **único candidato que pretende lutar pela independência nacional com rumo ao socialismo — Otelo Saraiva de Carvalho.**

PCP: José R. Sá Pinto; Fernando M. B. Viana; José Manuel Lopes; José Rocha Gomes; Mário Brochado de Almeida; Manuel S. C. Parente; Jorge F. G. Cruz Cerqueira; Aníbal A. Dias Oliveira; Eduardo Outão; Manuel Gonçalves Correia; António G. Correia; José Fiuza Casimiro; Adriano Segismundo; António Barros Lima; Abílio J. A. Pereira; Luís Cambão; Manuel Lopes Correia; José Silva Esteves; Carlos M. G. Sousa Dias; José de Sousa Calçada; José F. Pires Moreira; Silvano Alves S. João.

MDP/CDE: Bento da Cunha Martins; Albino Cunha Amorim; Manuel S. Vieira da Rocha; Maurício Torres; Simpício F. Araújo; Francisco N. P. Gomes; Amaro Esteves; Joaquim S. da Costa; José C. Dias Capela; Mário C. Quesado Borlido; Júlio D. C. Figueiredo; Álvaro J. Macedo; António Lopes Mourão; Armando S. Antunes; Manuel M. Viana de Sá.

Apartidário: José C. Pinto Roque; Manuel Gomes Soares; José Puga A. Rolo.

e a actualidade nacional

DA LIBERTAÇÃO DE RAFAEL DURÃO AO "MOVIMENTO NACIONAL" DE KAÛLZA E À "FRENTE POLÍTICA" DE ALPOIM GALVÃO

Os fascistas reorganizam-se e atacam

Em qualquer processo revolucionário pretender ficar-se pelo meio é abrir as portas à contra-revolução. Ou a revolução avança e esmaga não só a contra-revolução mas, também, as ideias de conciliação do vir de degrau em degrau para evitar o confronto, ou é a contra-revolução que se instala. É o fascismo que ganha.

Com o 25 de Novembro, que foi o fruto da aliança entre os democratas burgueses e os fascistas com vista a travar o avanço dos trabalhadores para a revolução socialista, a burguesia fascista alcançou uma situação cada vez mais favorável à sua organização, à preparação do regresso do fascismo.

É a partir do 25 de Novembro que, a par da prisão dos oficiais revolucionários e esmagamento da organização democrática dos soldados, do avanço do capitalismo na frente económica (congelamento dos contratos colectivos, saneamentos e despedimentos dos trabalhadores, tentativas de regresso dos patrões, etc.), se começa a dar libertação dos pides, o fascismo a levantar a voz, a libertação dos spinolistas que tentaram fazer o golpe fascista do 11 de Março, a reorganização do MDLP, os movimentos fascistas a surgirem à luz do dia e a tentarem impor-se.

É a partir do 25 de Novembro que a burguesia fascista começa com mais força a surgir a público e já não se compadece dos seus anteriores aliados.

LIBERTAÇÃO DE RAFAEL DURÃO

No dia 7 de Junho um dos juizes de instrução que funciona junto da Polícia Judiciária Militar pôs em liberdade Rafael Durão.

Para o jornal fascista «Jornal Novo» o juiz «desvinculou do processo do coronel Rafael Durão, comandante do Regimento de pára-quadistas de Tancos que em 11 de Março actuou junto do então RAL 1, num patético cerco a este quartel, enquanto duas formações de aviões sobrevoaram a capital, numa operação que foi pretexto de grandes mobilizações populares que culminaram num abrupto desvio da Revolução portuguesa em direcção a um regime totalitário comunista que o País havia de rejeitar decorridos vários meses de resistência popular».

Pretendem escamotear a existência da tentativa de golpe fascista em 11 de Março para reintegrarem todos os spinolistas nos seus antigos postos. Abrem caminho ao regresso de Spinola e de todos os demais fascistas que fugiram para o estrangeiro.

Pretendem, assim, dar pretexto legal à reintegração de todos os fascistas ao mesmo tempo que mantem os militares revolucionários afastados. Pretendem ter o controlo completo das Forças Armadas para imporem o fascismo.

Segundo o juiz, no caso do 11 de Março, «não há indícios da existência de uma infracção suficientemente comprovada», pode caracterizar-se por um «golpe de Estado» que, para

as leis da burguesia, é um «procedimento dos governantes, à margem do direito, empregando a força para alternar a legalidade existente». No 11 de Março para o juiz, «se foi um golpe de Estado nesse sentido e nada indica que o não haja sido, pois não está provado que o presidente da República e alguns outros governantes não lhe tenham dado o seu aval o facto não é punível criminalmente».

É assim que irão acabar todos os processos do 11 de Março. Mas que «aval» terá dado Costa Gomes e «outros governantes» ao 11 de Março?

KAÛLZA DE ARRIAGA

Com os pides soltos, os spinolistas reintegrados nas Forças Armadas, a liberdade dos fascistas terem voz, a contra-revolução avança.

Kaúlza de Arriaga deu uma conferência de Imprensa no Porto, na qual afirma haver necessidade de criar um «movimento de salvação e recuperação nacionais, com o qual os partidos centristas e outros não extremistas possam cooperar intimamente», «um Movimento Nacional Antimarxista» que prestará um grande serviço «ao País e mesmo a todo o Ocidente».

Kaúlza de Arriaga apela, assim, à formação de um movimento nacional fascista que una a burguesia para poder impor o fascismo.

Em entrevista ao jornal fascista «Tempo» afirma que não se candidatou para não dividir os votos de Eanes has que, caso este não consiga «resolver aqueles problemas» teremos «a curto prazo novas eleições» nas quais Kaúlza participará e, claro, «disposto decididamente a ganhá-las».

A sua solução para a crise económica é, como não podia deixar de ser, a venda ao imperialismo, tal como São Carneiro, tal como para todos os fascistas: o «Plano Marshal».

Kaúlza pretende congrega toda a burguesia fascista até agora repartida por várias organizações numa grande força capaz de esmagar a revolução. Mas esta ideia não vem só dele. E também a ideia de Alpoim Galvão.

«FRENTE POLÍTICA» FASCISTA

Alpoim Galvão, um dos chefes dos terroristas fascistas do ELP/MDLP fugido de Portugal juntamente com Spinola deu uma entrevista ao jornal fascista «O Dia» de 17/6/76.

Segundo este jornal, Alpoim encontra-se clandestino perto de Chaves e teria vindo «directamente da Bélgica para se encontrar connosco», quais serão as ligações?

Para Alpoim Galvão, que por sinal, se pudesse votar, «votaria certamente em Eanes», a saída para a crise passa pela criação de uma «frente política» entre os partidos que «não são marxistas» o PPD e o CDS e, «até acreditado que a maioria do PS não é marxista, pelo que admito que possa também entrar nessa frente».

A consciência de posições entre Alpoim Galvão e Kaúlza de Arriaga não é, evidentemente, por acaso. De

fendem o mesmo projecto: o fascismo.

Quando, a seguir às eleições para a ASSEMBLEIA DA República, se fal da dissolução do MDLP, desde logo, também, Kaúlza de Arriaga apareceu como o possível chefe legal do MDLP que, com a capa da dissolução se transformaria em movimento legal.

Alpoim Galvão nega isto, embora

expresse os maiores elogios a Kaúlza de Arriaga mas, o que é facto, é que ambos, embora por outras palavras salam no mesmo. Kaúlza de Arriaga fala de um «movimento nacional», Alpoim Galvão fala de uma «frente política». O projecto é o mesmo, um movimento fascista legal, capaz de congrega a burguesia para impor o processo de fascização.

Confusões da LCI

Através do n.º 59 do seu periódico «Luta Proletária», a LCI, organização trotskista «simpatizante da quarta internacional», pretende responder ao artigo publicado no n.º 75 do «Revolução» sob o título «Arlete Vieira da Silva — A tragicomédia das organizações trotskistas».

Começando por considerar o artigo do «Revolução» como «um rol de provocações das mais reles» verifica-se devido às supostas «frustrações», o artigo não concretiza uma sequer dessas ditas provocações! Que diabo, se se trata de um «rol de provocações» ao menos que nos apontem uma que seja.

É certo que a LCI não nega a «responsabilidade política no caso Arlete», e que o interpreta como uma provocação «ao conjunto do movimento operário». Se, de facto, houve provocação ao «conjunto do movimento operário» a responsabilidade cabe inteiramente às organizações que apontam como candidato «revolucionário», uma pessoa com quem nunca haviam contactado previamente e de quem, portanto desconheciam completamente o seu passado político.

Não é, pois, de estranhar que a LCI, com os seus ares doutorais e presunçosos (próprios, aliás, de uma organização composta essencialmente por estudantes liceais e universitários), persista no erro de não entender o porquê daquilo a que chama «caso Arlete», o qual não surge por acaso: ele é só possível em organizações em que o liberalismo fez parte dos métodos de trabalho usuais. E não nos venham dizer que a culpa é do chamado PRT, pois que a dita Arlete pertencia àquele dito grupo.

Que o PRT seja um grupo onde campeia o liberalismo, isso é um facto do conhecimento público. Mas então porque é que a LCI faz alianças com organizações como esta? E, já que as faz, porque não averiguar o passado político dos elementos daquele grupo? Todavia, bem mais importante do que frisarmos os erros da LCI, importa analisar sucintamente as considerações que esta organização faz à volta do apoio que o PRP dá a candidatura de Otelo. De acordo com a LCI:

«O PRP apela o voto em Otelo e à confiança no seu programa, que é semelhante ao do Pato, só que não dando o candidato Otelo garantias de

responsabilização perante o movimento operário, de que não faz parte»

Contrariamente à LCI, que tem andado sucessivamente a reboque dos reformistas (e, ainda por cima, chama-lhes estalinistas!), o PRP não pretende colocar os trabalhadores a reboque de ninguém, seja de Otelo, seja de quem for — o avanço da classe operária só é possível na sua unidade e organização, não existindo salvadores de qualquer espécie.

Se o PRP apoia a candidatura de Otelo e porque entende que ela une larguíssimas camadas dos explorados em torno dum programa que, não sendo certamente o do PRP: É O PROJECTO POSSÍVEL EM FUNÇÃO DAS CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE SE DESENVOLVE A CAMPANHA:

Destá modo, o programa de candidatura de Otelo é um programa de unidade dos trabalhadores, unidade que tem de se fortalecer e desenvolver nas organizações populares de base. Otelo tem-no dito vezes sem conta, e só não se apercebe disso quem não quer.

Não vemos, pois, qual a semelhança entre o programa de Otelo e de Pato.

De um lado está a unidade dos trabalhadores para a construção do socialismo (através do desenvolvimento das organizações populares de base); do outro lado, o controle partidário-reformista das organizações autónomas; dum lado está um projecto de autêntica independência nacional, do outro uma política de enfeudamento ao bloco político-militar do Leste.

Em suma: dum lado uma candidatura que reúne e fortalece o movimento popular, do outro lado uma candidatura desesperada e divisiva, que aparece após se terem esgotado tentativas de empurrar Costa Gomes para a P.R.

Como apontamento final, ficamos sem perceber se a LCI considera ou não Otelo um candidato do movimento operário: após afirmar que «as candidaturas de Otelo e de Pato são as únicas que são apoiadas por forças do movimento operário» o «Luta Proletária» conclui dizendo que «compete aos trabalhadores exigir ao único candidato do movimento operário, Octávio Pato, que rompa com a burguesia, o Pacto e o Conselho da Revolução».

Em que ficamos?

FÁBRICA DE VIDROS INGRIDHUTTE — MARINHA GRANDE

A sabotagem económica
dos países sociais-democratas continua

Padrões chaves na economia dos países capitalistas, os sociais-democratas, as multinacionais desempenham nos países sob o jugo do imperialismo, o seu papel de agentes de exploração das massas trabalhadoras. Além da mão-de-obra barata (factor decisivo), das matérias-primas a custos inferiores, os governos capitalistas oferecem às multinacionais todas as condições e garantias de extorquir o máximo aos trabalhadores, hipotecar o país onde estas laboram, sujeitando o país à economia dos países imperialistas e consequentemente comprando a sua independência nacional.

Este é o preço que os povos explorados e oprimidos pagam.

É este o desejo dos partidos burgueses quando falam em que é preciso investir capitais estrangeiros, para levantar a nossa economia.

Investir para explorar. Essa é a lei do capital.

Exemplo disso é a fábrica de vidros Ingridhutte Kurta Wokan, instalada nos Pousos (Leiria) desde 1 de Março de 74. Toda a sua produção é destinada (assim como a de uma fábrica instalada na Áustria) à empresa mãe na Alemanha. O pagamento desta exploração era feito pela banca (BNU), apenas que o vidro saía para a Alemanha comprometendo-se o patrão (que era ao mesmo tempo o único cliente) a pagar à banca após a venda do vidro nos seus armazéns alemães. Sabem os trabalhadores que tal comprometimento não era cumprido, pois o patrão conseguiu sempre, através das facilidades da banca, adiar o pagamento das vendas. Esta facilidade traduziu-se num défice de 37 000 contos em Novembro/75. Com esta dívida à banca, que passou a ser o maior credor da firma, com as dívidas aos fornecedores, com os encargos sociais (Caixa de Previdência, Sindicato, etc.) que já somavam 29 000 contos, a empresa atingiu uma tal situação que os trabalhadores começaram a ter medo da sua própria subsistência.

TRABALHADORES CONTRA TRABALHADORES

Era o panorama das fábricas em Novembro/75 altura em que o patrão, ajudado pelos caciques locais, com a interferência dos partidos burgueses (não esqueçamos o clima político que se vivia nessa altura), com a participação dos populares manipulados, armados de foices, paus e outros objectos lançaram um movimento contra os trabalhadores da fábrica, que só não resultou num perigo maior, apesar de alguns trabalhadores e delegados sindicais receberem serviços hospitalares, porque os trabalhadores estavam unidos e aperceberam-se da manobra que estava a ser feita pelo patrão.

Tentava este, o sr. Kurt Wolkan, arranjar uma justificação para uma possível falência da firma atribuindo assim as culpas aos trabalhadores que ele chamava de comunistas.

De Novembro a Fevereiro não houve encomendas da Alemanha, tendo os trabalhadores produzido para o mercado interno vidro de 2.º e 3.º mas por pouco tempo, pois segundo o Governo era proibido fabricar vidro para o mercado interno.

Em virtude da luta que os trabalhadores estava a travar, conjuntamente com a Comissão Sindical, convocam um plenário onde por voto secreto elegem a sua comissão de trabalhadores, passando esta a resolver dentro de um campo muito limitado os problemas que se deparavam.

Esta comissão de trabalhadores tem a confiança dos trabalhadores e, nela tentam resolver a sua difícil situação.

Entretanto, como não havia encomendas, nem matérias-primas subsidiárias, nem embalagens, pois os fornecedores já só forneciam a pronto pagamento, chegou-se mesmo a partir parte da produção.

DAS PROMESSAS À INTERVENÇÃO ESTATAL

Um telex vindo da Alemanha, propõe aos trabalhadores uma redução

na produção na ordem dos 50 por cento nos meses de Junho, Julho e Agosto, prometendo aumentar as encomendas em Outubro.

Em Março de 76 em plenário realizado na empresa com o dr. Carlos Jorge, houve a promessa de um empréstimo de 5 000 contos por mês, podendo esta verba vir a ser aumentada.

Prometeram pagar a credores (banca, e encargos sociais) e segundo promessa do patrão os trabalhadores tinham os seus postos de trabalho assegurados. No dia 11/5 houve paragem obrigatória, pois produzir para amontoar e sem salários os trabalhadores não estão de acordo.

Entretanto os trabalhadores receberam 50 por cento do 13.º mês, não estão abrangidos pelos aumentos de salários de novo contrato da indústria e ainda não receberam o abono do dia 20.

FÁBRICA DE JUNTAS "JM" — ODIVELAS

"A gerência deve-nos 800 contos"

Juntas «JM»; Fábrica de Juntas para motores, emprega cerca de 60 trabalhadores na maioria mulheres. Situação financeira: Únicos credores da empresa os trabalhadores, que têm cerca de 800 contos a receber do patronato. Revolução deslocou-se à fábrica para se inteirar junto dos trabalhadores, dos problemas que os afectam.

Revolução — Desde quando foi encetada a luta empreendida por vocês contra a gerência?

Trabalhador — A luta já vem desde Dezembro de 1975. Reivindicamos pagamentos de ordenados de acordo com a portaria dos metalúrgicos. Apresentámos na altura um mapa com as categorias dos trabalhadores e ordenados respectivos. A gerência, em resposta (não aceitando o nosso mapa de reivindicações) elaborou um mapa com algumas alterações. Portanto a luta enceta-se a este nível.

Os trabalhadores não estavam de acordo com as alterações feitas: abajamento de algumas categorias profissionais.

Tentamos negociar com a gerência entretanto esta recorre a uma inspecção geral do trabalho; inspecção essa que vem a concordar com o mapa apresentado pelos trabalhadores.

Verificando todos os casos que deram origem ao conflito, alguns pontos não foram aceites pela gerência.

Revolução — Soubemos que uma trabalhadora elemento da CT foi agredida por um elemento da GNR.

Trabalhadora — É verdade. Fizemos uma greve de quatro horas e meia como protesto ao mapa apresentado pela gerência. Entretanto a gerência diz que não paga essas horas. No fim do mês a camarada que está responsável pela feitura dos recibos não desconta nos mesmos as quatro horas e meia de paralização. A gerência após conhecimento manda fazer novos recibos com o desconto.

A camarada recusa-se de acordo com a vontade dos trabalhadores. Um dos gerentes oferece-lhe pancada — «dáqui a pouco estás a comer duas galhetas na tromba!». Há uma troca de palavras e o indivíduo não está com meios termos, agradecendo a camarada ficando esta a sangrar. Os trabalhadores imediatamente respondem a este acto de violência. Como a gerência não cumpriu com alguns pontos do caderno e ainda por cima arrogava-se agredir uma camarada, como resposta ocupam a fábrica. Isto passa-se em 5 de Março.

Revolução — Após a ocupação qual foi a vossa posição face ao patronato?

Trabalhador — Recusámo-nos a deixar entrar qualquer elemento da gerência. Esta vendo a determinação dos trabalhadores traz a PSP para fazer uma busca à fábrica alegando que se encontravam elementos estranhos ao trabalho dentro da mesma. A posição dos trabalhadores era de não deixar entrar nem PSP nem patronato. Não entrou ninguém.

Revolução — Entretanto como é que vocês asseguraram a ocupação?

Trabalhador — Não se trabalhou durante três dias; formaram-se piquetes para assegurar a ocupação e os serviços de urgência. Nesta altura, temos uma reunião na Direcção Geral dos Transportes na qual a gerência concorda com todos os pontos apresentados, assinando o caderno reivindicativo apresentado meses antes pelos trabalhadores, só que na prática não vem a cumprir com alguns pontos, como adiante veremos. A gerência após esta reunião, dá entrada na fábrica. Entretanto recusa-se a pagar os retroactivos alegando que só pode pagar no fim do ano. Os trabalhadores aceitam exigindo em troca que para o pagamento ser feito nesta data o patronato tem que concordar com a institucionalização do Controlo Ope-

Despediram-se 5 trabalhadores sem receberem os vencimentos a que tinham direito.

Visto a fábrica ser uma multinacional, e o único cliente ser o patrão, os trabalhadores estão numa situação difícil e o que pedem é uma intervenção estatal e o patrão comprometer-se com as encomendas.

Neste momento, e finalmente, os trabalhadores conseguiram a nomeação de dois elementos por parte do Estado, o que fez com que a fábrica começasse a laborar normalmente, tendo conseguido mais encomendas da Alemanha, sem ser as do patrão.

A questão principal para os trabalhadores — direito ao trabalho — está resolvida. No entanto a luta não terminou por aqui. E os trabalhadores estão conscientes de que todos os seus problemas só serão resolvidos quando atingirem uma sociedade socialista.

rário. Esta não concorda alegando que não há definição de Controlo Operário portanto para os trabalhadores elaborarem um programa que defina o mesmo. O programa não chega a ser apresentado porquanto os patrões mudam de ideias. Nesta altura, por motivos vários, reflexos dos problemas existentes a partir do dia 20 de Abril, os dois sócios deixam de comparecer na fábrica, mantendo-se a ausência durante um mês. A 27 o patronato convoca uma reunião na D.G.T. fazendo um apelo a todos os trabalhadores para comparecerem, chegando mesmo a dizer que pagava as horas perdidas. A Comissão de Trabalhadores, apercebe-se que esta manobra é para dividir os trabalhadores, faz-se um plenário na fábrica, onde é decidido pela maioria que a essa reunião vão apenas Comissão de Trabalhadores e Delegados Sindicais. Verifica-se na tarde desse dia, a tentativa de participação na reunião de sete elementos, 1 filho de um dos patrões, um outro cunhado, um vendedor pracista, um primo de um dos gerentes, etc, pessoas afectas ao patronato e que têm provocado a divisão dos trabalhadores. Foi impedida a sua participação na reunião.

Revolução — A nível económico, qual é a situação da empresa?

Trabalhador — As vendas são satisfatórias — a média de vendas aumentou. Credores, não há. São os trabalhadores os únicos credores da firma, não há dívidas externas. Nós, trabalhadores, é que não recebemos o dinheiro a que temos direito, e que está consignado no CCT, não recebemos os retroactivos, devendo-nos a gerência perto de 800 contos.

Revolução — Neste momento o que é que vocês pretendem fazer?

Trabalhador — A luta continua, pela Unidade e pela defesa dos nossos interesses.

OTELO EM CONFERENCIA DE IMPRENSA

Continuação da pag. 16

poderia recair de maneira ainda mais avançada das bases do PC».

PERGUNTA — Quais vão ser as relações de Portugal com o mundo e com o Ocidente sobretudo agora que Portugal tem uma grande dificuldade económica, se for eleito.

OTELO — Em relação à política externa do país considero que, no momento actual, qualquer dependência de carácter económico irá arrastar uma dependência política para que os portugueses não devam nem querer aceitar. Os capitalistas e os imperialistas nunca fazem os seus empréstimos de desinteressadamente, pois têm sempre como contra-partida do governo ao qual é emprestado o capital uma dependência de carácter político. Nós já temos em Portugal uma experiência de largas dezenas de anos de tal dependência à Europa Ocidental e aos Estados Unidos da América, donde consideramos que neste momento, todo o intercâmbio e ajuda económica, deverá ser encaminhado para países não alinhados do 3.º Mundo e, com todos aqueles que estiverem honestamente empenhados em nos ajudar, sem intuições de qualquer nossa sujeição. A política portuguesa deve orientar-se para relações fraternas com os povos de todo o mundo, sobretudo com as antigas colónias portuguesas, mantendo o diálogo com a Europa e os EUA, numa base de igualdade. É evidente que a independência nacional passa também pelo reunir de todas as forças produtivas do país, das massas trabalhadoras, para que consigamos com sacrifício, virmos pouco a pouco a libertarmos-nos da tremenda sujeição de tantas dezenas de anos. Como exemplo, os empréstimos que a Alemanha Ocidental tem feito, bem como os dos EUA implicam que, com esses mesmos empréstimos sejam obrigados a comprar a esses países muito mais do que aquilo que nos emprestam. É inconcebível que os EUA, nos emprestem caritativamente alguns milhões de contos que nos podem servir apenas para importarmos dos EUA o arroz ou o trigo que podemos produzir em Portugal».

PERGUNTA — Se for eleito pedirá a Mário Soares para formar Governo só com PS ou tem coligação com outros partidos?

OTELO — «Como Presidente terei que seguir o estipulado na Constituição. Assim terei que ouvir o C. R. e os partidos políticos e atender aos resultados eleitorais para a Assembleia da República. Nestas condições, o P. R. poderá apresentar uma proposta, o que não quer dizer que a mesma seja aceite quer pelos partidos quer pelo C. R. De forma alguma eu afirmei por dr. Mário Soares em 1.º ministro, até porque não sei se ele aceitará, pois, o dr. Mário Soares já afirmou que se o antigo general Spinola fosse P. R. não se importava nada de ser ele 1.º ministro, também afirmou que se o general Eanes, que aliás, é seu candidato for presidente ele será o 1.º ministro com imenso gozo. Nada me diz que se eu lhe fizesse o convite ele o aceite; portanto, tudo depende das decisões do C. R. e partidos políticos».

PERGUNTA — Afirmou recentemente que havia o perigo novamente da corrente spinolista dentro das Forças Armadas. Poderá adiantar algo sobre isso?

OTELO — «Falei realmente que havia o perigo de uma escalada para a recuperação da chamada linha spinolista. O ex-general Spinola foi um homem que deixou marcas mui-

to profundas marcas muito portuguesas pelas suas qualidades militares que o tornavam um chefe militar extremamente poderoso, conhecido e estimado. É evidente que ele tinha também profundos e deploráveis defeitos, o que não impediu de forma alguma que essa corrente se tivesse criado e fortalecido imenso. Como o 25 de Abril tentaram todas as possibilidades para oferecer a Spinola a P. R. Há uma franca entrada de todos os spinolistas no 16 de Março e no 25 de Abril com a intenção de colocar o chefe idolatrado na P. R., convicções que, a partir daí, Spinola seria o rei e senhor dos destinos do país. Há uma grande diferença em ser-se um bom oficial de uma força armada e ser um bom dirigente político, que acompanha a evolução de uma sociedade. Assim, nele existiu um abismo profundo entre as suas características militares e a sua total incapacidade política para o processo do nosso país após o 25 de Abril. Mas, entretanto, os spinolistas nunca puderam admitir essa derrota do seu chefe idolatrado. Derrotados em 28 de Setembro e depois em 11 de Março nunca desesperaram de uma luta que havia de levar ao poder o seu chefe querido e amado. Criaram-se as condições, como o 25 de Novembro, com alguns homens que ficaram na sombra e, agora, estão criadas as condições para uma possibilidade real de Spinola voltar ao país. Foi um alerta que eu fiz. Quando o general Eanes, candidato à P. R., um spinolista que ficou na sombra, afirma publicamente que continua a tratar Spinola por general, porque ele tem um processo pendente e não se sabe se será ou não general, depois de ter sido assinado um decreto pelo P. R. e Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, com a expulsão de Spinola das Forças Armadas, por ter tomado parte no 11 de Março, do qual resultou a morte de um soldado e ferimentos em 17, não aceita enfrentar as responsabilidades da sua intervenção nestes acontecimentos e foge do país para criar um pretexto movimento democrático de libertação de Portugal (que não é mais do que um movimento terrorista contra a revolução portuguesa, contra o povo trabalhador português), quando depois de tudo isto, o general R. Eanes, candidato à P. R. faz a afirmação que fez, quando, depois de ter visto aquilo que se passa na Madeira, onde um homem como o brigadeiro Azevedo, spinolista profundo, homem de confiança de Spinola, que nunca aceitou a derrota do seu chefe, homem em que eu conheci uma verticalidade que é neste momento a antítese de aquele que eu conheci em Azevedo, quando ele se propôs fazer as afirmações que fez na Madeira a meu respeito, então eu considero que o spinolismo está de novo a vir ao de cima e até é possível que o general Eanes possa vir a ser um 2.º Heitor Câmara já não me custa nada a acreditar, que face à situação que se está a criar, Eanes possa abdicar do seu lugar de P. R. se realmente vier a ser eleito, em favor do seu idolatrado chefe, António de Spínola».

PERGUNTA — Querria saber o que o maior Otelos pensa sobre as afirmações de alguém da sua Comissão de Apoio de que a candidatura do general Eanes traria violência ao país.

OTELO — «Devo dizer-lhes que me pareceu que, com a possível eleição do general Eanes para P. R. deste país onde neste momento se desenrola uma tremenda luta de classes, entre dois opositores que neste

momento, estão perfeitamente definidos e que são de um lado a classe exploradora deste país, que são os grandes senhores das terras, os grandes patrões das fábricas, que durante dezenas de anos exploraram a força do trabalho de todo o povo trabalhador em seu próprio benefício, procurando extrair o maior lucro possível e que para o exercício dessa exploração, tinha a seu favor o poder político que dominava com o seu poder económico e um feroz aparelho de repressão constituído pelas forças militarizadas, pelas forças armadas e sobretudo pela famosa PIDE/DGS. Durante dezenas de anos a repressão foi feroz sobre o povo trabalhador em Portugal. Esse povo que viu aparecer em 25 de Abril a esperança de uma vida melhor não irá permitir que se venha a abater sobre ele a repressão feroz que é apáquio do sistema capitalista. Onde, se chegar à P. R. o general Eanes homem que não merece a mínima confiança à esmagadora maioria das massas trabalhadoras deste país, a violência será inevitável, violência que será mais uma vez mais exercida pelas forças repressivas que entraram em imediata recuperação após o 25 de Novembro sobre os trabalhadores que à não irão aceitar, e que que será uma vez mais mente sacrificado».

PERGUNTA — Afirmou que se candidataria se se processasse um amplo movimento popular. Considera que ele foi conseguido? Afirmou que esse movimento prosseguiria mesmo depois de uma eventual derrota sua. Como?

OTELO — «Em relação à primeira pergunta devo dizer-lhes que excedei em muito aquilo que eu esperava desse movimento popular. Tudo aquilo que eu vi do Norte ao Sul do país e lihas veio afirmar que esse movimento é extraordinariamente diversificado. Ora, a burguesia nacional dominante, estava convencida que as eleições presidenciais seriam apenas um passeio do seu candidato pelo país, no entanto, o que se verificou quando eu comecei a percorrer o país foi que houve imediatamente uma entusiástica adesão das populações que acorriam em massa ao retornado do espírito do 25 de Abril e em repúdio ao 25 de Novembro. O povo trabalhador repudia o 25 de Novembro, porque sabe que o 25 de Novembro foi uma manobra, um golpe militar de direita, para eliminar a esquerda e sobretudo a esquerda militar. Portanto o balanço até agora realizado é extremamente positivo. Quanto à continuidade do movimento popular para lá das eleições, mesmo que eu não fosse, ele é de tal ordem que ninguém o poderá fazer recuar. Em termos de organização,

A direcção do PC explica

No comício do Porto, a direcção do PCP continuou a sua campanha Octávio Pato, que mais podia ser chamada a campanha anti-Otelo. Depois de muitas calúnias, explicam:

«Se Otelo não quer ser apontado como o responsável pela não formação de um Governo de esquerda, que pode impedir a candidatura fascista.

Mas porque artes é que Otelo pode impedir a formação dum Governo de esquerda? Se ele é o único que pode impedir a candidatura fascista.

Ou será que há acordos entre o PCP e Eanes, que Otelo veio estragar? E que dos acordos faz parte que Pato seja o anti-Otelo? Parece que se começa a perceber.

Mas Ramalho Eanes dá-nos a resposta quando fala na Conferência de Imprensa e referindo-se à moderação com que o PCP o tem tratado:

«Se estivesse na posição de Octávio Pato e do PCP, faria exactamente o mesmo. Esta moderação nos seus ataques à minha pessoa pode levar um certo público a acreditar haver ligações minhas com o PCP, como de resto chegou a correr aqui pelo Norte.

E uma técnica perfeitamente compreensível. No entanto, o PCP sabe que eu sei bastantes coisas em relação ao 25 de Abril, pois segui o processo desde o princípio. Dai, talvez, a sua moderação dos ataques à minha pessoa».

Assim se vão conhecendo as verdades...

DAS BEIRAS...

Santa Comba Dão, 1926, 1927, 1928. De uma «família modesta» surge um homem que havia de se tornar um ditador em Portugal. Austero, de boca cortada à face, nariz aquilino, sem sorriso, frio e duro como o fascismo que encarnou — Salazar. Aparecido em período de grande crise económica, é apresentado como o salvador da Pátria. Alcains, 1975, 1976. De uma «família modesta» (as mesmas casas, os mesmos rostos, os mesmos hábitos) surge um homem, com o mesmo rosto, a mesma frieza, a mesma austeridade. Também ele se apresenta como salvador.

Ambos falam de «pátria», de «ordem», de «disciplina». Ambos se dizem acima das classes.

Mas o novo salvador da Pátria, mais moderno, faz-se plebiscitar, quer-se fazer eleger. Por trás desta eleição esconde-se no entanto uma galopada fascista que recuperará os valores de 1926. Temos de novo um candidato a «Dinossauro Excelentíssimo». Há semelhanças que não são por acaso.

Vamos cortar-lhe o caminho? Porque desta vez não chegarão as prisões de P. I. D. E.; será um Salazar mais feroz, com os «tanques na rua», que nos metará a todos no Estádio Nacional.

pois eu sou um militar, estou portanto sujeito ao julgamento dos militares, se não for eleito a democracia propagada ao país que não sei se será autêntica e não haverá uma qualquer possibilidade, que há com certeza, do poder político que ficar instalado pura e simplesmente em arredos posições.

Estou convencido que isso não acontece, as pessoas afirmam-se honestas não influenciables, incorruptíveis, de modo que penso que mesmo depois das eleições eu ficarei incólume e nada me acontecerá do ponto de vista militar. Mas vai ser difícil conciliar as minhas posições de carácter político e militar, liderando um movimento de unidade popular».

PERGUNTA — Que pensa sobre o segundo Pacto C. R. Partidos? Que pensa sobre o Pacto Iberico?

OTELO — «Aqui que eu considero de fraternidade entre os povos é a amizade entre os trabalhadores de todos os países do mundo, mesmo com os dois países capitalistas da Europa e da América. Há que ir realmente ao encontro da famosa frase: «PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES UNI-VOS».

Em relação à nossa amizade com a Espanha, que os trabalhadores portugueses devem ter e terão com os trabalhadores espanhóis, são as relações fraternas entre as classes exploradas.

Não posso aceitar o Pacto

iberico como ingerência no nosso país de um país estrangeiro, mesmo amigo. Estes pactos nunca são assinados entre classes exploradas, entre trabalhadores. São assinados entre governos.

Quanto ao Pacto entre o C. R. e os partidos políticos, eu devo informar que nunca fiz parte, nem quis fazer, de qualquer comissão do C. R. que negociasse com os partidos políticos, porque toda e qualquer negociação de gabinete que escapa à participação do povo trabalhador e por mim rejeitada».

PERGUNTA — O sr. major tem atacado os partidos que querem controlar as organizações populares de base. Essa crítica é também extensiva aos partidos da extrema-esquerda que o apoiam?

OTELO — «É evidente que eu critico todos os partidos que existem no país e que, de uma maneira ou de outra, tivessem procurado hegemonizar quaisquer organizações dos trabalhadores. Critico portanto também as organizações políticas que apoiam a minha candidatura, a minha crítica é em relação a todas o apoio que algumas organizações da esquerda revolucionária, (por que extremas esquerda e em relação ao MRPP, AOC, etc...) dão à minha candidatura porque existem pontos de confrontação bem definidos entre as minhas ideias, e as ideias que eles defendem: é o caso

de uma «família modesta» surge um homem que havia de se tornar um ditador em Portugal. Austero, de boca cortada à face, nariz aquilino, sem sorriso, frio e duro como o fascismo que encarnou — Salazar. Aparecido em período de grande crise económica, é apresentado como o salvador da Pátria. Alcains, 1975, 1976. De uma «família modesta» (as mesmas casas, os mesmos rostos, os mesmos hábitos) surge um homem, com o mesmo rosto, a mesma frieza, a mesma austeridade. Também ele se apresenta como salvador.

Ambos falam de «pátria», de «ordem», de «disciplina». Ambos se dizem acima das classes.

Mas o novo salvador da Pátria, mais moderno, faz-se plebiscitar, quer-se fazer eleger. Por trás desta eleição esconde-se no entanto uma galopada fascista que recuperará os valores de 1926. Temos de novo um candidato a «Dinossauro Excelentíssimo». Há semelhanças que não são por acaso.

Vamos cortar-lhe o caminho? Porque desta vez não chegarão as prisões de P. I. D. E.; será um Salazar mais feroz, com os «tanques na rua», que nos metará a todos no Estádio Nacional.

PERGUNTA — Eanes atacado por Pinheiro de Azevedo sobre os outros candidatos para uma mesa-redonda. Que pensa disto?

OTELO — «Na primeira mesa-redonda da TV verificou-se uma tentativa do general Eanes de monopolizar o mais possível o tempo de antena».

Otelo explica depois que o que lhe interessava era um debate sério, profundo sobre as diferenças das várias candidaturas e que se não fosse dar argumentos à burguesia recuária, pois não, lhe interessava o lavar de roupa suja entre Eanes e Azevedo e lá teria que cancelar mais uma viagem quando é isso que lhe interessa, o que lhe interessa é o contacto directo com os trabalhadores.

Mais adiante afirmou: «Não sei quais serão as intenções do general Eanes mas, estando ele agora, numa posição de grande franqueza, como está, poderá vir tentar aproveitar o tempo de antena para fazer mais uma afirmação de autoridade e de arrogância que desequilibre a seu favor a pequena burguesia, embora crie talvez um maior antagonismo com o povo trabalhador que, evidentemente, não acredita nela, porque não acredita naquela arrogância, porque a autoridade para o povo trabalhador tem um sentido diferente daquela que o general Eanes pretende demonstrar».

AUTARQUIAS LOCAIS

A falta de direcção política

Acabou no dia 16 deste mês, a tão falada greve das autarquias locais.

Esta greve, apesar de reivindicada pelo STAL (Sindicato dos Trabalhadores das Autarquias Locais) foi efectivamente arrancada pela vontade dos trabalhadores, na concentração-manifestação do dia 31 de Maio, onde Pinheiro de Azevedo se recusou a receber uma delegação (Comissão Coordenadora e Secretariado Distrital do STAL) que iria transmitir as exigências feitas pelos milhares de trabalhadores presentes, e trabalhadores a nível nacional, exigências essas, expressas numa exposição reivindicativa que datava de Outubro de 1975.

Sendo assim, a greve foi um movimento decretado espontaneamente pelos trabalhadores presentes, a que o STAL não se pôde furtar.

A exposição reivindicativa pela qual a greve sucedeu, é a seguinte:

1 Garantia de que a reclassificação de funções proposta pelo Ministério da Administração Interna entrará em vigor em Maio de 1976, com efeitos retroactivos

2 Garantia de que as distorções salariais resultantes do despacho genérico do Decreto-Lei 30/70 e da revisão salarial do Decreto-Lei 506/75, entrarão em vigor a partir de Maio de 1975, com efeitos retroactivos

3 Garantia da revisão das comparticipações no âmbito da ADSE.

4 Garantia do seguro por morte ou incapacidade aos trabalhadores da administração local

5 Garantia da aprovação do novo regime de faltas com período de aleitação de meia-hora a mães até ao sexto mês após o parto; e por doença familiar

6 Garantia da entrada em vigor do Decreto-Lei da reforma antecipada aos 60 anos e subsídio vitalício por forma a que os trabalhadores não sejam atirados para a miséria, com subsídios que não garantam a sua subsistência

7 Institucionalização imediata do STAL.

8 Garantia do subsídio de alimentação nas mesmas condições em que é concedido noutros organismos da Função Pública

Antes, e apesar do STAL o dizer abertamente em comunicados, o que aconteceu na prática é que em locais de trabalho com um número significativo de trabalhadores, não houve quaisquer plênários ou reuniões de sectores para decidirem como é que a greve se iria desenrolar, ou se entrariam ou não no movimento grevista. Durante a greve, o STAL não apresentou alternativas aos trabalhadores, para que estes ocupassem o seu tempo quer em esclarecimentos às populações, quer em outro qualquer tipo de actividade permitindo assim, a perfeita desmobilização da maioria dos trabalhadores, limitando-se a dizer na madrugada do dia 13 aos trabalhadores, para permanecerem em greve, e não regressarem ao trabalho, apesar das negociações irem começar dentro de dois dias.

Falámos com um camarada da Câmara Municipal, que nos contou da sua experiência no tempo de greve e nos deu a sua opinião sobre o movimento grevista, e as suas consequências — Ao lhe perguntarmos como foi decretada a greve no seu local de trabalho, respondeu-nos: «No dia 3 de Junho, ao chegarmos à câmara, foi-nos comunicado pela «Comissão Representativa dos Trabalhadores» que estava decretada a greve. Apenas tinha havido na tarde anterior um plenário de trabalhadores dos serviços municipalizados a que tinham estado presentes somente alguns trabalhadores da câmara. Foi assim que começámos a greve».

Seguidamente perguntámos-lhe em que é que os trabalhadores ocuparam o seu tempo de greve. Rapidamente nos respondeu: «Nos serviços administrativos algumas pessoas limitaram-se a jogar às cartas ou a fazer «crochet», e outras nem lá punham os pés.

Foram rapidamente organizados piquetes, constituídos por voluntários, com três turnos nos dias feriados e dois nos dias normais de trabalho. Eu acho isto muito errado, porque se de-

via ter aproveitado o tempo para esclarecer as populações e os próprios trabalhadores das brigadas externas pois a Comissão de Luta eleita no dia 7 verificou durante esse dia e o seguinte que os trabalhadores do exterior (varredores de rua, etc.) nem sequer sabiam o que era o Sindicato porque estavam em greve, quais as reivindicações, e mesmo até havia aqueles que nem sabiam o que é uma organização sindical».

Pedimos a seguir ao camarada que nos falasse sobre a Comissão de Luta. «Na eleição desta Comissão de Luta, é notória a despolitização da maior parte dos trabalhadores, que desconhecendo o que são os seus órgãos representativos votaram em chefes, pessoas que pela sua facilidade de argumentação conseguiram dominar o plênario. Eis como foram eleitos pelos trabalhadores e em plenário pessoas com atitudes desde sempre manifestamente reacconárias ou colaboracionistas». Quanto à reacção das populações da zona, disse-nos o camarada: «na zona que abrange a câmara, existem bastantes bairros de lata e bairros pobres onde as comissões de moradores tomaram a iniciativa de recolher ou queimar o lixo. Contudo, a maior parte dos moradores, por falta de esclarecimento, até porque os órgãos de Informação só falaram na reivindicação do subsídio de almoço, desconhecendo todas as outras questões de carácter sindical, de Previdência e Social, porque, e há que referir isso, os jornais e a televisão exploraram a nossa luta em favor da direita com imagens repelentes como peixe podre, moscas no mercado, etc., levantando só e exclusivamente o problema da saúde pública, o perigo da cólera etc. ignorando completamente os 25000 trabalhadores em luta, e portanto, a maior parte dos moradores reagiu mal, houve até casos de pessoas que foram depositar o lixo à porta da Câmara ou que ameaçaram trabalhadores que se encontravam nos piquetes».

Do que este camarada nos disse,

e do movimento grevista que sucedeu, podem-se tirar várias conclusões, entre as quais a que os trabalhadores ultrapassaram o STAL numa posição de classe, exigindo do Governo, a aplicação do cad. reiv. ignorando a lei antigreve para o funcionalismo público, etc.

O STAL tentou recuperar o processo, e como efectivamente não tem capacidade para apresentar alternativas revolucionárias aos trabalhadores, o processo do desenrolar da luta foi incorrecto e com graves falhas, que neste momento poderão vir a influenciar gravemente a unidade dos trabalhadores, e consequentemente a vitória das suas reivindicações.

Das negociações feitas até agora, conseguiu-se somente o reconhecimento do STAL como organização sindical única dos trabalhadores das autarquias locais.

Ficaram em estudo todas as outras reivindicações.

Uma das importantes derrotas e uma das importantes traições feita aos trabalhadores pelo STAL, foi o compromisso assumido por este perante o secretário de Estado da Administração Interna de que os dias de greve seriam compensados ainda não se sabe bem como, mas prevê-se que será fazendo os trabalhadores trabalharem mais duas horas por dia até prefazerem o número total de horas de greve, o que foi uma atitude perfeitamente contrária aos interesses dos trabalhadores. Outra grave posição assumida pelo STAL nas costas dos trabalhadores, foi o ter-se também comprometido de que o lixo seria retirado das ruas em 12 horas, o que obrigou não só os trabalhadores das brigadas externas fazerem horas extras, como também o fizeram os trabalhadores das oficinas, que saíram para a rua também para apanhar o lixo.

Contra as prepotências e as decisões tomadas nas suas costas, os trabalhadores só poderão responder, se se organizarem e elegerem órgãos verdadeiramente representativos dos seus interesses de classe.

Fausto Cruz em liberdade
Julgamento adiado

Fausto Cruz, estudante de Coimbra, preso durante dois meses, por ser acusado de possuir uma navalha num comício do CDS, foi finalmente posto em liberdade.

Isto deveu-se, sem dúvida, à grande mobilização e movimentação dos estudantes e trabalhadores de Coimbra, que conseguiram obrigar o poder deste País a ceder.

Também para o julgamento de Fausto Cruz se verificou grande mobilização tendo no entanto sido adiado. Uma das questões para o adiamento foi a existência de um novo diploma legal que anula o anterior e que segundo este Fausto Cruz estaria sujeito a uma prisão de vários anos.

O novo diploma ainda não tinha sido publicado e por consequência o Tribunal de Coimbra não poderia ter conhecimento oficial.

No entanto o colectivo do Tribunal ultrapassou as questões oficiais, e não julgou Fausto Cruz pela antiga lei aguardando a publicação da nova, para depois se proceder ao julgamento.

Neste mesmo dia à tarde, os estudantes reuniram para discutirem qual a posição a assumir perante a nova situação. Presentes cerca de 1200 estudantes, deliberaram:

«1 — Exigir a publicação no «Diário da República» da alteração feita pelo Conselho da Revolução até ao dia 19 (sábado) sem o que entrará em greve geral a partir de segunda-feira, dia 21;

2 — Responsabilizar as entidades oficiais pelas possíveis perturbações da vida escolar que a entrada em greve acarretaria, greve que não desejamos mas que assumimos se a isso

formos obrigados;

3 — Enviar uma delegação a Lisboa para apresentar as exigências da Academia de Coimbra às entidades responsáveis;

4 — Que o julgamento se efectue num prazo máximo de uma semana após a saída do Decreto-Lei no «Diário da República» sem o que entrará em greve geral.»

Disposta a continuarem a lutar, até que Fausto Cruz seja totalmente ilibado das acusações que lhe são feitas (só há a testemunha da acusação, e é um guarda-da PSP...), os estudantes juntamente com os trabalhadores de Coimbra estão numa luta que já ultrapassa o caso Fausto Cruz, e que se tornou numa luta contra o Poder que reprime, que defende e liberta fascistas, contra um Poder que não é o seu.

O QUE É O STAL?

O STAL surgiu como organização pró-sindical por volta de Abril de 1975. Esta organização, que se pretende representativa dos trabalhadores das autarquias locais, mostra declaradamente nos seus comunicados uma posição pró-VI Governo, o que facilmente é notado na sua «comunicação muito importante» de 11-6-76, quando diz que depois de terem graves dificuldades em Outubro de 1975 em dialogar com o Governo vigente (V Governo) «Surgiu contudo a nomeação do VI Governo parecendo surgir uma certa abertura que viesse possibilitar um diálogo no sentido de se resolverem os problemas pendentes»; esta frase ilustra bem, uma posição que qualquer trabalhador consciente imediatamente repudia. Para além da posição que referimos atrás, há a acção do STAL, antes, durante e na fase final das negociações no tempo de greve.

e a actualidade nacional

A NATO, A CIA, OS PLANOS DE REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO

A burguesia monta a sua máquina de repressão

Após o golpe reaccionário de 25 de Novembro, uma das principais tarefas da burguesia é a reconstrução dos seus aparelhos repressivos, pois, só assim, poderá impor o processo de recuperação capitalista que, devido à situação de grave crise económica, social e política, será, necessariamente, cada vez mais fascista.

Como no Chile, como em todo o mundo onde os exploradores se levantam e lutam, a contra-revolução nacional e internacional se une. O imperialismo prepara meticulosamente a contra-revolução a continuação do seu domínio.

Para isso utiliza os seus instrumentos como a NATO, CIA, etc., faz acordos de desarmamento para se armar mais, vai jogando com as ilusões «democráticas» da pequena burguesia para preparar o terreno para, no momento que mais lhe convém, desferir o golpe de força e retomar as posições perdidas.

O PLANO DE REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO

Com o 25 de Novembro a burguesia recuperou as posições de chefia das Forças Armadas e, de imediato, começa a pôr em prática um plano cujo ponto principal é: a criação de um corpo de homens fortemente armados e treinados para reprimir os trabalhadores.

Mercenários são contratados, oficiais fascistas voltam às unidades de onde foram saneados pelos soldados, imprimem um clima de terror fascista dentro das unidades, fazem todos os esforços por tornar o exército num corpo de carrascos dos trabalhadores.

Para esse plano a burguesia precisou de afastar os oficiais revolucionários, precisou de acabar com toda e qualquer forma de organização democrática dos soldados, «saneou, saneia e prende todos os que não conseguem submeter à sua vontade, ao mesmo tempo que vai preparando «companhias operacionais» com o «material mais sofisticado» de repressão, claro.

Assim, no dia 5/6/76 o jornal «Expresso» noticiava que dos EUA viria material de guerra com vista a armar uma «brigada da NATQ» programada dentro da reestruturação das Forças Armadas Portuguesas, este armamento iria primeiro ser testado e, depois, caso fosse aprovado, viria material destinado a «armar um total de 6000 homens».

No dia 7/6/76, o «Jornal do Comércio» noticiava que se encontra já muito adiantada a passagem à prática do projecto de constituição e armamento de novas companhias operacionais no seio do Exército, cujo espírito é o de «post-25 de Novembro». Esse plano inclui, também, a «reabertura da escola de Lamego e a reconstrução de um centro de comando em Mafra».

Este novo «centro de comando» que ficará em Mafra «em situação de emergência» poderá ser deslocado para o Regimento de Comandos da Amadora. Ainda segundo o mesmo jornal, o RCA tem vindo a ser fornecido de material adequado às acções que lhes competem dispondo já de cerca de 400 chaimites».

Destruído o Copcon, a burguesia cria um novo centro de comando, mas, desta vez, é ela que toma conta dele, vai ser um centro de comando para defender a burguesia, para esmagar os trabalhadores. Ao mesmo tempo vai armando unidades em que ela tem mais confiança pois, de Norte a Sul do País, nos quartéis, a luta dos soldados não está morta. A burguesia não confia neles como seus instrumentos de repressão e, portanto, escolhe unidades onde vai pondo material de guerra pois, este pode voltar-se contra ela se, estiver ao alcance de soldados que percebem a sua condição de classe, a sua condição de explorados. A aplicação do plano de Eanes, como se vê, inclui a submissão total ao imperialismo, a venda de Portugal ao imperialismo em troca de armas para esmagar a revolução.

A NATO

Neste plano que inclui uma maior penetração do imperialismo, a NATO, fiel instrumento do imperialismo que, na altura da guerra colonial fornecia armamento ao Exército colonial-fascista português para combater a justa luta de libertação nacional dos povos das ex-colónias, é um dos meios pelo qual o imperialismo vai actuar no plano de Eanes.

É assim que, antes da reunião em Bruxelas dos ministros de Defesa dos países da NATO, se começa a falar de «um novo papel de Portugal na defesa da Europa Ocidental», se fala

na constituição de uma brigada mecanizada de mais de 2500 homens, armado com material dos EUA a formar em Portugal e que poderá actuar em todos os países que fazem parte da NATO, incluindo Portugal.

Faço ao crescente movimento popular este plano não se pode deter em delongas e, o material dos EUA começa a chegar, a Alemanha Federal oferece-se para fornecer a Força Aérea e o Canadá para treinar oficiais e sargentos portugueses.

No dia 14/6/76 o material de guerra dos EUA é descarregado em Portugal sob a protecção das forças de intervenção da PSP e, Souto Cruz, chefe de Estado-Maior da Armada, depois do 25 de Novembro e representante do Governo Português à reunião de Bruxelas afirma: «Não há qualquer tratamento especial ou exclusivo da NATO em relação a Portugal. Pelo contrário, é Portugal que se está a inserir na NATO e que, como tal, tem necessidade de cumprir compromissos assumidos antes das guerras coloniais com o supremo comando europeu e que nunca havia cumprido».

Souto Cruz afirma ainda que isto se insere num plano para transformar o Exército num «exército moderno e profissionalmente actualizado» e, acerca da brigada da NATO a constituir em Portugal ele pensa que «o seu número será superior a 2500 homens».

A CONSTITUIÇÃO

Numa altura em que toda a gente diz defender a Constituição, em que, após as eleições burguesas para a Assembleia da República todos os partidos burgueses lhe dão um grande valor como o órgão «soberano» interessa ver o respeito que a burguesia tem pelos próprios princípios que diz defender.

Assim, enquanto na Constituição está escrito que «o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos» deve ser a posição de Portugal, o que se vê é o rearmamento e reforço da NATO, o que se verifica é que, o próprio Souto Cruz o afirma, é que Portugal se está cada vez mais a «inserir na NATO».

Para a burguesia a palavra «desarmamento» é, em todos os tempos, o rearmamento da burguesia, o desarmamento dos trabalhadores.

Por aqui se vê como a burguesia pretende fazer cumprir a Constituição. Por aqui se vê o que é a «independência nacional para a burguesia».

A ingerência do imperialismo em Portugal é de tal ordem que, nem esperam que a Assembleia burguesa funcione, que nem sequer esperam que o novo Governo se forme, que nem sequer esperam que o novo Presidente da República, seja eleito e possa definir qualquer posição e, ainda por cima, a decisão de Portugal ter «um novo papel na defesa da Europa Ocidental» é tomada sem a presença do representante do Governo Português que, fiel à sua classe e, claro, ao imperialismo depois vem dizer que este plano já estava para ser posto em prática há muito tempo.

ARMAS PARA A EMBAIXADA AMERICANA

Enquanto actua no Exército, à vista de toda a gente o imperialismo não se fica por aqui. A conspiração fascista, a organização de grupos fascistas armados é uma das tarefas dos contra-revolucionários.

No Chile assim foi. E por de mais conhecido o papel dos EUA no golpe fascista do Chile e, concretamente, da sua embaixada no Chile.

É evidente para todos os trabalhadores e revolucionários portugueses que a embaixada dos EUA em Portugal não é um mero jarro de flores. É um dos centros da CIA, é um dos centros da contra-revolução.

É por isto que os trabalhadores das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico divulgaram a seguinte nota, a qual deve servir como alerta para todos os trabalhadores e revolucionários:

«As Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, por contrato com a Força Aérea Norte-Americana (USAF) recebem regularmente aviões dos EUA. A carga desembarcada destes aviões segue dois destinos conforme o seu tipo. Uma parte directamente sem qualquer controlo para a Embaixada americana e outra destinada ao armazém de material da USAF nas OGMA, onde

os volumes são abertos e catalogados pelos funcionários desta empresa aí em serviço.

Já por várias vezes os trabalhadores das OGMA têm chamado a atenção dos responsáveis para a possibilidade de entrarem armas em Portugal por esta via. Na passada 2.ª feira, dia 7/6/76 ficou demonstrada a razão de ser desta desconfinça.

Um dos volumes destinados à Embaixada foi parar, por engano dos militares americanos, ao armazém de material da USAF (Armazém 4). Os trabalhadores não se dando conta da troca abriram-no e verificaram com espanto que continha 3 revólveres marca Smith and Wesson calibre 38, novos, com guia de remessa da base de Terejon (Madrid) destinada à Embaixada dos EUA de Lisboa. Resta acrescentar que são armas de grande calibre, utilizadas para fins militares ou policiais.

O facto de só por extraordinário e fortuito acaso se terem descoberto estas armas levamos a supor, sem receio de errar, que muitas mais terão passado dentro dos caixotes que frequentemente são desembarcados e seguem directamente para a Embaixada. Quem sabe até se outros tipos de armas?

Será que estas armas irão defender os interesses dos trabalhadores portugueses?

A ALTERNATIVA AO FASCISMO

Como o temos vindo a afirmar em Portugal a alternativa ao fascismo, devido à grave situação económica, social e política, só pode ser a revolução socialista. A democracia burguesa em Portugal é impossível.

Faço à esta situação todo e qualquer reforço da burguesia das suas posições no aparelho de Estado, dos seus instrumentos de repressão significa que a burguesia se arma para esmagar pela violência todo e qualquer avanço dos trabalhadores.

Qual é então a alternativa?

Seguir as ideias democratas-burguesas que se aliam aos fascistas tentando a todo o custo conciliar o inconciliável, teendo e reprimindo todos os avanços dos trabalhadores, dizendo que é para não dar pretexto aos fascistas?

Seguir as ideias do reformismo que, a todo o custo pretendem uma aliança com os democratas-burgueses no sentido de tentar estabelecer a situação (o que devido à crise é impossível), travando o movimento de massas para a revolução socialista porque recusam o confronto violento, porque pretendem alcançar o socialismo indo de degrau em degrau entendendo assim não dar hipóteses à burguesia fascista de se impor?

Seguir a orientação daquelas organizações que, dizendo-se da esquerda revolucionária nunca se prepararam para a violência revolucionária recusando que no seio dos trabalhadores se discuta e se elejam órgãos de classe para o armamento do proletariado, que referem o movimento de massas com medo de que o seu partido perca o controlo do movimento insurreccional que, quando a situação se torna mais explosiva, quando o movimento dos trabalhadores avança, têm medo de partir para a ofensiva e pretendem manter-se na defensiva?

Não! A alternativa ao fascismo é a revolução socialista, e só rompendo com a conciliação com o fascismo, só com a luta frontal contra o capitalismo, só com a ofensiva geral dos trabalhadores se poderá fazer face ao fascismo. Só derrotando o capitalismo se poderá esmagar definitivamente o fascismo.

A alternativa da burguesia, que é o fascismo, os trabalhadores têm respondido com um grande esforço de unidade e organização. Mas ficar-se por aqui não chega. O armamento dos trabalhadores, a preparação e organização para a insurreccção armada é também uma tarefa que o proletariado tem que levar a cabo, se não quiser perder no confronto, se não quiser ser esmagado.

O REFORMISMO E A INSURREIÇÃO

Para o reformismo, seja ele de que cariz for, a insurreccção armada, a violência revolucionária é, para uns, uma mera questão teórica com a qual estão de acordo em teoria mas que, na prática, fazem tudo para não a praticar; para outros é mesmo um ponto que, pela sua política de conciliação de classes, nem sequer em teoria admitem.

São estas duas posições que no interior da classe operária se batem do mesmo lado, contra aqueles que não é só em teoria que defendem a necessidade da violência revolucionária, praticam-na, lutam para que a própria classe a assuma como tarefa que, a não ser cumprida, significa a derrota.

Octávio Pato em vários pontos dos seus discursos e entrevistas tem calculado (pois nunca entra na crítica, limita-se a chamar nomes e a dizer que é «aventureirista», «desligado da realidade objectiva», etc., sem mais nada) o PRP por, antes do 25 de Novembro, ter lançado a palavra de ordem: «Contra a guerra civil; Insurreccção armada».

Sobre a análise que o PRP fazia não diz nada pois, se o fizesse, desmascarar-se-ia (essa análise está contida no manifesto «Contra a guerra civil — Insurreccção armada»).

Qual a alternativa do PC para a situação de antes de 25 de Novembro, que se caracterizava por um crescente movimento de massas, por uma ofensiva dos soldados dentro dos quartéis, por uma tentativa quotidiana por parte da burguesia de impor o seu poder que esbarra sempre com a barreira da unidade que se cimentava entre os trabalhadores fardados e não fardados, por uma profunda divisão entre os oficiais que se dispunham a lutar ao lado dos trabalhadores e os que, dia e noite conspiravam para fazer vingar os interesses da burguesia, por uma situação económica cada vez mais grave?

Para o PRP o problema passava pela unidade, organização e armamento dos trabalhadores, única forma de ultrapassar a situação em favor dos trabalhadores. O problema era de manter a ofensiva dos trabalhadores para que não viessem a ser derrotados, para evitar a guerra civil provocada pela burguesia.

Para o PC, como sempre, a solução era a conciliação, era a defensiva, o que significava a derrota. O 25 de Novembro assim o provou.

A crítica que se pode fazer ao PRP não é o de ter lançado a palavra de ordem de «Insurreccção armada», é o de não ter feito tanta propaganda, tanta organização do proletariado, quanto era necessária.

O PRP não entrou nunca na conciliação com aqueles que vieram a fazer o golpe reaccionário do 25 de Novembro, para o PRP a unidade dos trabalhadores esteve sempre como uma das principais tarefas, a unidade revolucionária nos campos, nas fabricas e nos quartéis. Nunca a tática do PRP passou pelo golpe de Estado, nunca passou pelas barricadas aos militantes do PS, nunca passou pela tentativa de chegar ao Poder pois, como sempre dissemos, em Portugal o Poder ou estará nas mãos do fascismo ou estará nas mãos de milhões de trabalhadores.

É por isso que, não entrámos em manobras de gabinete, é por isso que para nós a solução nunca passou pelo golpe de Estado pois esta significava a manutenção da mesma situação, não se resolvendo a contradição. É por isso que para nós a conciliação com a burguesia não era solução, a conciliação com a burguesia significava o dar tempo à burguesia para preparar as suas forças, significava manter a situação de indefinição que permitia que os pequenos camponeses fossem cada vez mais instrumentalizados pelos reaccionários.

Que fez o PC quando esteve no Governo? Que pretendia o PC quando convocava manifestações contra o VI Governo? Que espalhou ilusões? Aqueles que face à situação concreta alertavam para a necessidade de preparar a ofensiva, única maneira de não ser derrotado, aqueles que alertavam para a necessidade de unidade, organização e armamento dos trabalhadores, que alertavam para a necessidade de os trabalhadores se pouparem para o confronto que, face a este, a solução era lutar abertamente, não entrando em manobras de gabinete; ou aqueles que convocavam os trabalhadores para manifestações unicamente para depois fazerem manobras de gabinetes para conciliar de modo a manterem-se no poleiro?

Para os revolucionários a insurreccção é uma tarefa fundamental. Lenine em Agosto de 1906 (tirando as lições da insurreccção de 1905 de Moscovo, que foi esmagada pela contra-revolução, e, quando a revolução socialista só se veio a dar em 1317) afirmava que «se aproxima o dia da grande luta de massas. Essa será a insurreccção armada. Ela deve ser, na medida do possível, simultânea. As massas devem saber que vão para uma luta armada implacável e sangrenta. O desprezo pela morte deve espalhar-se entre as massas e assegurar a vitória. A ofensiva contra o inimigo deve ser a mais enérgica: o ataque e não a defesa deve tornar-se a palavra de ordem tanto se o seu objectivo é a organização de combate, seja móvel e flexível; os elementos hesitantes do Exército serão arrastados para a luta activa. O partido do proletariado consciente deve cumprir o seu dever nesta grande luta».

ARGENTINA

Executado o chefe da polícia federal

Foi executado pelas forças revolucionárias argentinas o chefe da polícia federal o general Cesáreo Cardoso. O general ao chegar a casa, abriu a porta que accionou um dispositivo de segurança, que fez explodir um engenho de grande capacidade.

O general chefe da polícia dispunha de um forte contingente de guarda-costas, porém assim mesmo a organização dos Montoneros conseguiu pôr fim à vida de mais um laço do imperialismo na Argentina.

Repressão em bahia blanca

Provincia situada ao sul da Argentina que conta com mais de 200.000 habitantes trabalhando nos sectores do comércio, serviços, fundamentalmente, e na metalurgia, construção civil e no segundo mais importante porto do país o do Engenheiro White, sofreu uma onda de repressão na semana passada.

Segundo fontes policiais teriam sido mortos seis guerrilheiros do Ejército Revolucionário do Povo (ERP) que actua naquela região e também nas cidades de Nequem e Comodoro Rivadavia. Os comandos militares declararam ter preso dez militantes Montoneros.

Os Montoneros actua naquela região pela importância geográfica que atribuem aquela provincia. O porto situado perto da Bahia escoa grande parte da produção de frutas do vale do Rio Negro e as colheitas de toda a provincia de Santa Fé e de Córdoba.

URUGUAI

Militares substituem o presidente

O Presidente Juan María Bordaberry foi substituído na passada semana devido à «sugestão» dos Estados Unidos, frente à crise económica e política em que o país se mantinha.

Bordaberry que fora eleito em 1971 nas eleições em que concorreu a Frente Ampla deu todo o poder para os militares reprimirem as lutas populares que se desenvolviam e o Movimento de Libertação Nacional — Tupamaros.

O movimento contrarrevolucionário que conseguiu impor derrotas pesadas sobre as forças revolucionárias

aplicou os piores métodos de repressão e tortura utilizados na América Latina.

A dominação militar do Uruguai mergulhou o país numa profunda crise económica e política que conduziu ao golpe de Junho de 1973 suprimindo por completo as liberdades democráticas, encerrou o Parlamento e reprimindo selvaticamente o proletariado dissolvendo suas estruturas organizacionais e colocando os partidos políticos à margem da vida política do país.

O presidente deste turno é o presidente do Conselho de Estado Alberto

Demichelli, de 80 anos que participou em golpes anteriores, como em 1933 ao lado de Gabriel Terra em cujo Governo desempenhou funções de ministro da Instrução Pública e de vice-presidente.

A substituição do presidente uruguai pode significar o acirrar das contradições ao nível do poder burguês, porém, não traz nenhuma novidade para o povo trabalhador daquele país. Somente a luta revolucionária do proletariado será capaz de modificar radicalmente a correlação de forças e dar o golpe final sobre as forças repressoras e pró-imperialistas.



Acontece que não gosto das suas gravatas, senhor Presidente

QUINO

COLUNA INTERNACIONAL

Depois do assassinato do ex-presidente da Bolívia, Juan José Torrez, os grupos de extrema-direita voltaram a actuar em Buenos Aires contra os refugiados políticos que se encontram naquele país. Elevam-se a dezenas o número de refugiados políticos assassinados ou «desaparecidos» na Argentina, sobretudo depois do golpe de Estado no Uruguai em Julho e no Chile em Setembro de 1973.

Estas acções das forças reacçãoárias na Argentina, fazem parte de um plano das ditaduras latino-americanas que visa eliminar a actuação dos militantes revolucionários que se encontram na Argentina, refugiados das ditaduras militares do Chile, Uruguai, Brasil e Bolívia.

Na passada semana, 25 refugiados políticos foram sequestrados e libertados depois de passarem por torturas e maus tratos nas mãos de elementos de extrema-direita. Os refugiados políticos foram ainda ameaçados de morte, caso não abandonassem o país dentro de 48 horas.

Na Argentina encontram-se, ainda, milhares de refugiados do Chile, Uruguai, etc. que escaparam da feroz repressão de Pinochet e Bordaberry, porém que viram o «cerco» estreitar, depois da forte repressão desencadeada pelas forças de direita durante o governo de Estela Perón e ainda mais depois do golpe de Estado de Marco que levou os Generais ao poder.

A semelhança do Brasil pós-64, instalaram-se regimes ditatoriais nos países latino-americanos onde a classe operária e a esquerda revolucionária organizava-se e punha em causa o poder burguês e a dependência face ao imperialismo. O «Cérculo» foi-se apertando para a actuação do movimento revolucionário latino-americano que sofreu sucessivas derrotas devidas às direcções reformistas e nacionalistas-burguesas hegemónicas controlarem o movimento de massas e criarem ilusões de vias pacíficas eleitorais.

Hoje, o movimento revolucionário mais actuante está na Argentina, onde se trava uma luta no dia a dia contra as forças da repressão, ao serviço do capital. A Esquerda Revolucionária segue actuando em duras condições através da guerrilha urbana e rural implantada no movimento de massas.

Este movimento revolucionário, ao contrário do que sucedia antes do golpe no Chile, não possui uma retaguarda que lhe permita recolher imediatamente um apoio político e material contra o exército burguês. A luta que desenvolvem os revolucionários, não tem recuo. Para sobreviver, avançar e triunfar, só podem trilhar uma via: a resistência popular e a construção do Ejército Revolucionário do Povo, capaz de derrubar a ditadura militar, implantar o Socialismo e abrir o espaço necessário para o fortalecimento do movimento revolucionário nos restantes países da América Latina.

Na reunião da OEA efectuada na passada semana em Santiago do Chile, foi distribuído um relatório de 191 páginas acusando o governo militar de Pinochet de violar os direitos humanos e de desenvolver perseguições políticas e torturas. Entretanto, os EUA através de Kissinger procuram garantir a hegemonia na América Latina seja com ameaças, seja com declarações conjuntas de «plena identificação política» como a que foi assinada com a ditadura militar de Banzer. O «vendedor ambulante» do «produto norte-americano», declarou em Santiago que os «EUA eram ainda a principal potência mundial e suficientemente forte para se defenderem e defenderem os amigos» e mais «que não permitiriam que Cuba agisse na América Latina da mesma forma que fez em Angola».

A Síria enviou mais tropas para o Líbano quando a Liga Árabe formava um contingente militar para a manutenção da paz no Líbano. «Esta força de paz compreenderia seis nações como sendo: a Síria, Líbia, Argélia, Sudão, Arábia Saudita e Organização de Libertação da Palestina (OLP). Entretanto, a «Al Fatah» declarou que tropas sírias cercaram o acampamento militar na fortaleza de Rashaya, a oeste do Vale de Bekaa que recusou a render-se. Como estava previsto, Israel agradeceu a intervenção síria no Líbano, sendo que o chefe do Governo Itzhak Rabin declarou que «não há nenhuma razão para impedir os sírios de matar os fedayin. Não é necessário irmos perturbar o exército sírio quando ele mata terroristas. As forças sírias abateram nestes últimos tempos mais terroristas que as tropas israelitas no espaço de dois anos e meio». Estas declarações deixam desnudadas o papel que desempenha a Síria no Médio Oriente, com a pretensão de servir de «cão-de-fila» do imperialismo expansionista.

No dia 27 próximo serão eleitas as Comissões Populares de Bairro em Luanda, dando prosseguimento ao cumprimento da Lei Constitucional sobre Poder Popular decretada na República Popular de Angola, logo após a conquista do Poder Político.

Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

Quem foi ao Barreiro e à Cova da Piedade aos comícios de Otelo, poderá dizer: aqui está o candidato da cintura industrial. Mas para o dizer é necessário que desconheça o que foi Barcelos, o que foi S. Pedro da Cova, o que foi Matosinhos, o que foi a Madeira.

Nessas terras, muito longe da cintura industrial, nessas terras que desconhecem a «comuna de Lisboa», Otelo foi recebido em apoteose por milhares de pessoas. Em terras onde a esquerda revolucionária teve meia dúzia de votos nas legislativas, as multidões que vieram para a rua saudar Otelo provam bem que este candidato ultrapassa em muito os partidos que o apoiam, e que se transformou no candidato das massas trabalhadoras. Massas trabalhadoras que são tanto o operário da Setenave, como o mineiro de S. Pedro da Cova, como os conserveiros de Matosinhos, como o camponês da Madeira, como o soldado de Lamego ou de Ponta Delgada.

De Norte a Sul do país, Otelo tem encarnado a esperança num 25 de Abril que renasce, esperança que vale para todos aqueles para quem não acabou a exploração e a opressão.

Por isso a direita tem medo, como há dezanove anos teve medo de Delgado.

Entretanto, uma figura antipática, apardinhada por Soares, Sá Carneiro, Freitas do Amaral e toda a espécie de associações de direita, vai crescendo como o espectro do fascismo. Lembrando o homem que há cinquenta anos veio de Santa Comba Dão com péssimos de lá para amordaçar o país em nome de altos ideais, este novo Salazar simboliza o perigo de um novo fascismo, mais feroz desta vez.

Ameaçando de pôr os tanques na rua, talando de ordem e disciplina, este homem será o chefe de um golpe fascista, se o deixarmos avançar. A sua candidatura é servida pelo actual poder com a arbitrariedade que caracteriza a burguesia. Enquanto um dos elementos da segurança de Otelo é preso em Lamego por ser portador de uma pistola, fica impune o gorila de Eanes que em Évora matou à metralhadora um contra-manifestante. A polícia assistiu impávida à tentativa de atentado em Lamego; a polícia colabora com os bandos do MRPP que todas as noites espalham o terror na cidade, descolando cartazes de Otelo e colando cartazes de Eanes; as autoridades dos Açores, elas próprias filiadas na organização separatista, permitem que esteja içada à porta do quartel a bandeira da FLA, organização da extrema-direita, e que bandos daquela organização dominem a cidade. Esta é a «democracia pluralista». Esta é já uma imagem do fascismo que promete o candidato da «liberdade em segurança». Liberdade e segurança para os ricos e para a reacção.

Mas também o poder teve surpresas. Uma surpresa importante é a voz de Pinheiro de Azevedo, que eles não podem calar e que todos os dias diz novas verdades... E eles, que o apludiram no Terreiro do Paço, têm agora que o aguentar.

Já não é surpresa para os revolucionários o comportamento do PC. Ao longo destes dois anos, fomos aprendendo como é, conhecendo o seu estilo, as calúnias, a má-fé, a traição.

Todos os dias chovem os seus ataques. Otelo é para eles o inimigo n.º 1. Curiosa atitude de quem se diz revolucionário... E quanto mais Otelo vence, mais desesperados ficam. As vitórias no seu terreno (Barreiro, Marinha Grande) são outras tantas punhaladas no clubismo... Que fará mais este partido, que agora jura (entrevista à Flama) que nunca foi da FUR e que nem mesmo na 2.ª volta apoiará Otelo? Resta-lhe uma aliança com Eanes, que só não fará, porque este a não aceita. Mas há uma coisa que esperamos: é que Pato não desista, para todos vermos os seus resultados eleitorais.

Votar em Otelo é votar num 25 de Abril renovado, que já não terá contemplações com os explora-

dores e os opressores. É votar na possibilidade de vencer o fascismo, é votar pelo trabalho, contra o capital.

Mas só isso não chega. É necessário que a candidatura de Otelo seja organizadora. Que sirva também para organizar os trabalhadores para o presente e para o futuro num grande movimento

de unidade. Que sirva para dar novo aiento à organização popular de base, incentivando o crescimento e coordenação de tudo o que são organismos eleitos. Que sirva para organizar os soldados nos quartéis. Que sirva para unir os revolucionários sejam eles civis ou militares. E que nisto seja posto um grande esforço antes e depois do dia 27.

OTELO EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Eanes abre o caminho a Spínola

Otelo deu hoje, uma conferência de imprensa na qual respondeu às várias questões postas pelos jornalistas.

Otelo começou, ao responder a uma das perguntas, por afirmar:

«Procuramos fazer com que nos quartéis houvesse uma ampla troca de opiniões entre tudo aquilo que nas Forças Armadas constituem classes, isto é, oficiais, sargentos e praças. Claro que é extremamente difícil em quaisquer Forças Armadas conseguir esse objectivo porque, embora não seja absolutamente coincidente a diferença dessas classes sociais existentes numa sociedade como a nossa, na verdade é preciso considerar que a esmagadora maioria dos oficiais, além de nascimento têm também uma formação conservadora, pequeno burguesa, da qual não conseguem de forma alguma separarem-se. Os sargentos e as praças provêm em geral de camadas mais proletarizadas. Daí, existir ao longo de todo o processo um choque grande, uma recusa não objectiva por parte dos oficiais das unidades em aceitar a discussão com os soldados e sargentos, que lhes punham problemas de democracia, de afirmação do possível das praças e sargentos, o que embaraça os oficiais que não estavam habituados à contestação nas unidades. É que antes do 25 de Abril as ordens dos oficiais, mesmo as ilegítimas, muitas vezes cumpriam-se. Assim, o diálogo deixa de travar-se em termos disciplinares e passa a um termo político. Daí que toda essa actividade democrática não tenha sido totalmente coroada de êxito. Para que houvesse total êxito teria sido necessário primeiro a total reformação de ideias das classes mais privilegiadas».

PERGUNTA — Afirmou o dr. Cunhal que por detrás da sua candidatura estavam partidos que se opunham ao PC e que isso era um factor de fraccionamento da esquerda.

OTELO — «Se realmente sou apoiado por forças políticas que se chocam com o PC isso não quer dizer que é minha intenção formar novo partido para atacar o PC. Quanto ao dividir a esquerda quem a divide é o candidato do PC pois não tem a mínima hipótese de ganhar. Se tivesse seria ele que seria o alvo de todos os ataques e não eu, Otelo. O candidato do PC só irá congrega à sua volta os elementos profundamente adeptos da disciplina do PC porque, embora se saiba que não há utilidade nenhuma ao voto no candi-

dato PC para as massas trabalhadoras, o candidato do PC concorre numa tentativa desperada de evitar que as massas trabalhadoras venham a votar num candidato apoiado por forças que se opõem à atitude conciliatória e reformista do PC. A partir do momento em que eu recebo notícias de vários pontos do país que am-

plas massas trabalhadoras que, debaixo da influência do clero reaccionário, do cacique local que os convenceram a votar PPD ou CDS para a assembleia, que elementos também afectos ao PS, aos quais o candidato posto pelo seu partido não oferece a mínima confiança, que elementos afectos ou simpatizantes do

PC reconhecem a inutilidade do voto no candidato PC, que elementos da esquerda revolucionária afirmam dar o seu voto a Otelo, isto não é de forma alguma dividir as massas trabalhadoras. Assim, a candidatura que realmente divide é a do PC que vai roubar votação que em mim

Continua na pág. 12

Grande parte das bases do PS não apoiam Eanes

Grande parte das bases do P.S., não apoiam Eanes, o que tem provocado uma situação interna intolerável pela direcção daquele partido. Daí que Mario Soares tenha aparecido (aliás muito zangado...) na televisão aconselhando o voto em Eanes.

Mas isso não chega. As bases P.S. não se deixam confundir com PêPêDês e MRPPês e afastam-se da candidatura.

Em Aveiro o P.S. não integrou a estrutura da candidatura por se recusar a acompanhar PPD e CDS. Atitudes idênticas tiveram as organizações locais de Viana do Castelo, Guimarães e Famalicão.

Foram mesmo observadas, nesta última vila, cenas em que militantes do P.S. diziam a colocadores de cartazes de Eanes pertencentes ao MRPP: «Vendidos ao capital». Estes mesmos militantes de Famalicão tinham feito parte da comissão de apoio a Costa Gomes, quando se pôs a hipótese des-

ta candidatura. Por sua vez sabe-se que no comício de Otelo em Matosinhos estavam presentes militantes P.S. de Barcelos, vindos em camiones e não escondendo os seus distintivos.

Sabe-se também que as organizações locais do P.S. de Setúbal e de Almada estão em divergência com a candidatura de Eanes e que a do Barreiro se encontra vacilante.

Esta situação que ultrapassa a questão das bases para atingir direcções locais, é a prova de que nem todos os elementos do PS se deixam arrastar pelo fascismo. E é quem escolhe a palavra socialismo não está disposto a escolher Eanes.

É por isto também que os cartazes de Eanes são colados no País todo pelos «jovens PPD» e pelos MRPP, não sendo colados pelas juventudes socialistas, o que tem dado os resultados que se veem, ou antes que não se veem.

Ainda há socialistas, socialistas!

MOLIN — Rectificação

No nosso último número, numa entrevista efectuada aos trabalhadores da Molin, verificámos que na introdução vem uma gralha que a ser levada por realidade poderia ter motivado a repressão àqueles trabalhadores.

A certa altura quando se lê «Na fábrica apenas 32 trabalhadores armados», o que deveria ter vindo seria «Na fábrica estavam apenas 32 trabalhadores desarmados».

Aos trabalhadores da Molin pedimos as nossas desculpas.